



FACULDADE SETE DE SETEMBRO - FASETE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS

**O SERTANEJO REVISITADO PELA FICÇÃO DE EUCLIDES DA
CUNHA**

José Jonas Camello de França

Paulo Afonso-BA

2006

José Jonas Camello de França

**O SERTANEJO REVISITADO PELA FICÇÃO DE EUCLIDES DA
CUNHA**

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Letras habilitação em Inglês
e Português da Faculdade Sete de
Setembro - FASETE.

Orientador: Prof. MS. Sávio Roberto Fonseca.

Paulo Afonso-BA

2006

BIBLIOTECA CENTRAL DA FASETE – Paulo Afonso - BA

F881s FRANÇA, José Jonas Camello de.
 **O sertanejo revisitado pela ficção de Euclides da
 Cunha.**
 /José Jonas Camello de França.
 Paulo Afonso – BA: 2006. 111f.
 Orientador: Sávio Roberto Fonseca de Freitas.
 Monografia (Graduação) – Faculdade Sete de Setembro.
 Curso: Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em
 Inglês e Português.

1. Literatura Brasileira 2. Ficção Brasileira 3. Pré –
Modernismo 3. Mimese I.Título

CDD – 869.9

O SERTANEJO REVISITADO PELA FICÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA.

Por: José Jonas Camello de França

Esta Monografia submetida ao corpo docente da Faculdade Sete de Setembro – FASETE, foi julgada adequada para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Habilitação em Inglês e Português, pela banca examinadora formada por:

Banca examinadora:

Prof. MS. Sávio Roberto Fonseca
Orientador

Profa. MS. Sherry Morgana Justino de Almeida

Prof. M.Sc. Luiz José da Silva

Paulo Afonso – BA

2006

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais e a minha esposa e filhos, que me apoiaram em tão árduo e ao mesmo tempo maravilhoso caminho na busca do conhecimento e auto-realização que foi para mim o curso de Letras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao “Deus da vida”, fonte de toda luz e de toda força, que sempre me socorreu nos momentos difíceis deste curso letras e aos meus pais por toda a força e ajuda que me deram. Este trabalho de monografia não seria possível sem o apoio da minha Filha Vanessa, que me ajudou na árdua tarefa de digitação dos textos, a minha esposa Sônia e de meu filho Jonathan, cujo entusiasmo e incentivo foram decisivos para o meu êxito.

Ao meu orientador, Professor Sávio Roberto Fonseca pela sua competência, que dedicou seu precioso tempo em minha orientação, lendo os originais e indicando obras e leituras complementares e as necessárias modificações, mostrando outras perspectivas de enfoque do tema da minha monografia.

Faço um agradecimento póstumo a minha grande, inesquecível e querida Mestra em literatura professora Odemária Teles, pelo muito que aprendi em conhecimento da área de literatura, mas principalmente em lições inesquecíveis de vida.

*"Há homens que lutam um dia e são bons.
Há outros que lutam um ano e são melhores.
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Porém, há os que lutam toda a vida.
Esses são os imprescindíveis."*

Bertolt Brecht

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
LISTA DE FIGURAS.....	xi
INTRODUÇÃO.....	01
1. A REPÚBLICA, SERTÃO E O HOMEM.....	06
1.1 Dados biográficos de Euclides da Cunha.....	19
2. A LITERARIEDADE DO SERTÃO EUCLIDIANO.....	27
2.1 O narrador Euclidiano.....	34
3. A MÍMESE EM “OS SERTÕES”.....	45
4. O MESSIANISMO NA FIGURA DO CONSELHEIRO.....	58
4.1 O fenômeno do Sebastianismo em Canudos.....	74
5. CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS.....	87

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão profunda sobre a grande obra *“Os Sertões”* de Euclides da Cunha, tendo o sertanejo como o foco principal, procurando entender quais as razões que tinham o governo Republicano de patrocinar uma guerra tão sangrenta e com resultados tão desastrosos; quase 25 mil sertanejos foram exterminados, 5 mil soldados mortos. Procuramos também examinar qual era a visão de Euclides da Cunha sobre o homem sertanejo e vimos que a princípio, era preconceituosa, e que comungava com as idéias etnológicas da época, que colocavam o sertanejo como um mestiço inferior fadado ao fracasso, pois representava, um entrave ao desenvolvimento do Brasil nos moldes de uma nação desenvolvida entre as outras do ocidente. Situamos a obra em seu contexto histórico traçando um panorama da realidade do Brasil do final do século XIX e início do século XX. Investigando também quais eram os ideais republicanos desde as suas primeiras manifestações em nossa pátria. Começando com a inconfidência mineira passando pelo primeiro e segundo império até a proclamação da república em 15 de novembro de 1889. Localizamos *“Os Sertões”* em seu contexto literário do pré-modernismo, como sendo um divisor de águas, uma obra que abriu com algumas outras, uma nova perspectiva de ver “as letras” e com seus traços caracterizastes próprios, como sendo uma busca da nacionalidade, valorização das coisas do Brasil e do seu povo, no resgate do interior e pelo que fosse autenticamente nosso. Procuramos demonstrar a literariedade da obra *“Os Sertões”*, examinando a alma do autor, através de minuciosas leituras, identificando nela traços de poesia notamos as crises de um espírito angustiado na dor de compor uma obra original, que rumou espontaneamente para a criação estética indispensável a sua alma sensível e poética, vimos que Euclides da Cunha é um ficcionista que soube descobrir as matrizes da emoção em meio aos dramas e atrocidades da guerra de Canudos. Estudamos a mimese em *“Os Sertões”* procurando compreender como ela se processou, buscando na antiguidade Grega, como Platão e Aristóteles a teoria, para chegarmos a conclusão que Euclides retratou a seu modo e de modo emocional, imaginativo, ambíguo, irônico, paradoxal, alusivo, metafórico e mesmo teatral a guerra de canudos com a sua ótica. Fizemos um paralelo entre *“Os Sertões”* e a rica cultura popular nordestina, comparando-a com outras manifestações tais como os cordéis, cantorias sobre canudos, sem povo, a guerra e o conselheiro. Estudamos o messianismo e o sebastianismo, através de um estudo mais minucioso da figura do beato Antônio Conselheiro, procurando entender as origens do movimento de Canudos.

Palavras - chave: Euclides da Cunha, Pré-modernismo, Mimese.

ABSTRACT

This work has as objective to do a deep reflection on the great work “The Interiors” of Euclides of Cunha, tends the country as the main focus, trying to understand which the reasons that had the Republican government of sponsoring such a bloody war and with such disastrous results; almost 25 thousand country was exterminated, 5 thousand soldiers died. We also tried to examines which was the vision of Euclides of Cunha on the country man and we saw that attn first, it was preconceituosa, and that he/she took communion with the ideas ethnological of the team, that you/they put the country the an mestizo inferior predestined to the failure, because it acted, an impediment to the development of Brazil in the molds of the nation developed among the another of the occident. We placed the work in his/her historical context drawing a panorama of the reality of Brazil of the end of the century XIX and beginning of the century XX. Also investigating which you/they were the republican ideals from their first manifestations in our homeland. Beginning with the mining disloyalty going by the first and second empire until the proclamation of the republic on November 15, 1889. We locate “The Interiors” in his/her literary context of the pré-modernism, as being a divisor of waters, a work that opened with some other, a new perspective of seeing “the letters” and with their lines you characterized own, as being a search of the nationality, valorization of the things of Brazil and of his/her people, in the rescue of the interior and for the that went genuinely ours. We tried to demonstrate the literariedade of the work “The Interiors”, examining the author's soul, through meticulous readings, identifying in her poetry lines noticed the crises of an afflicted spirit in the pain of composing an original work, that it steered spontaneously for the indispensable aesthetic creation his/her sensitive and poetic soul, we saw that Euclides of Cunha and a fictionist that he/she knew how to discover the head offices of the emotion amid the dramas and atrocities of the war of Tubes. We studied the mimesis in “The Interiors” trying to understand like her was processed, looking for in the Greek antiquity, like Plato and Aristotle the theory, for the conclusion that Euclides portrayed to his/her way arrive and in way emotional, imaginative, ambiguous, ironic, paradoxical, allusive, metaphorical and same theatrical the war of tubes with his/her optics. We made a parallel one among “The Interiors” and the rich Northeastern popular culture, comparing her/it with other such manifestations as the lines, singings on tubes, without people, the war and the counselor. We studied the messianismo and the sebastianismo, through a more meticulous study of the devout person's Antônio Conselheiro illustration, trying to understand the origins of the movement of Tubes.

Words-key: Euclides da cunha, Pré-modernism, Mimesis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	- A cidade do Rio de Janeiro (Foto: Lopes, 1896).....	0
		7
Figura 02	- Negros recém libertos (Foto: Anônimo , 1897).....	0
		9
Figura 03	- Imigrantes Italianos. (Foto: anônimo, 1896).....	0
		9
Figura 04	- Centro do Rio de Janeiro (Foto: Lopes, 1901).....	1
		1
Figura 05	- Negros Libertos (Foto: Lopes, 1893).....	1
		7
Figura 06	- Euclides em perfil (Foto: George Huebner, 1905).....	1
		9
Figura 07	- Euclides na Escola Militar da Praia Vermelha. (Foto: Juan Carlos, 1946).....	2
		0
Figura 08	- Ala do 1º Esquadrão do 9º regimento de Cavalaria da 3º Brigada (Foto: Flávio Barros, 1897).....	2
		2
Figura 09	- Soldados e um Conselheirista Preso. (Foto: Flávio Barros, 1897)..	2
		3
Figura 10	- Última testemunha ocular da guerra de Canudos, D. Dionizia Valeriana da Gama (Foto: Antonio Olavo, 1983).....	2
		4
Figura 11	- Parque Estadual de Canudos. (Foto: Xando Pereira -1985).....	2
		6
Figura 12	- O sertanejo em seu meio hostil (Foto: Evandro Teixeira - 1990).....	2
		9
Figura 13	- 38º Batalhão de Infantaria no acampamento (Foto: Flávio Barros, 1897).....	3
		1
Figura 14	- Imagens publicadas na revista <i>Manchete</i> em 24 de julho de 1993, (foto: Sergio de Souza – 1993).....	3

		5
Figura 15 -	O Jagunço de Canudos (Pintura: Osvaldo Storni, 1953).....	3
		6
Figura 16 -	O sertanejo (Manoel Coló) (Foto:Penha,1983)	3
		7
Figura 17 -	Os Prisioneiros (Foto: Flávio Barros, 1897).....	4
		3
Figura 18 -	Vista Geral de Canudos (Foto: Flávio Barros, 1897).....	4
		7
Figura 19 -	A Casa e o Conselherista (Foto: Flávio Barros, 1897).....	4
		8
Figura 20 -	O Conselheiro e seu Jagunço (Pintura: Audifax Rios, 1987).....	5
		1
Figura 21 -	Conselheiro, o profeta do sertão. (Foto: Descartes Gadelha, 1997).....	5
		2
Figura 22 -	A volta de Dom Sebastião em seu cavalo branco. (Foto: Trípoli Gaudenzi, 1991).....	5
		4
Figura 23 -	Bateria do Perigo (Foto: Flávio Barros, 1897).....	6
		4
Figura 24 -	Manoel Ernesto dos Santos, o "Manoelzão" sobre as ruínas do cruzeiro da Igreja Nova, tendo ao fundo a cidade. (Foto: Alfredo Vila-Flor - 1964).....	6
		8
Figura 25 -	O Messias do sertão (Foto: Gabriel Arcanjo, 1943).....	7
		5
Figura 26 -	O Corpo de Antônio Conselheiro (Foto: Flávio Barros, 1897).....	7
		7
Figura 27 -	Ruínas da Igreja Nova (Foto: Flávio Barros, 1897).....	7
		9

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dispõe a fazer uma reflexão e uma análise profunda sobre um dos grandes clássicos da literatura brasileira “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha, que se tornou um sucesso de crítica e de público sem precedentes na história intelectual do país, tida como uma das obras mais representativas da cultura brasileira de todas as épocas por nomes como os antropólogos Roberto da Matta, Josué Montello e Ubaldo Ribeiro, o economista Celso Furtado, os poetas José Paulo Paes e Ferreira Gullar, os historiadores José Murilo de Carvalho e Francisco Iglesias, os críticos literários Alfredo Bosi, Fábio Lucas e Wilson Martius, o Professor de literatura e ensaísta Luis Costa Lima e o cientista Político Wanderley Guilherme do Santos.

A obra é uma unanimidade entre os homens das Letras, entre a pura nata da intelectualidade brasileira.

Procuramos estabelecer algumas indagações, que nortearam a composição deste trabalho, tais como: Quais as razões políticas, para que o governo da nascente república patrocinasse uma ação militar tão severa, contra um bando de desvalidos sertanejos guiados pelo beato Antônio Conselheiro, que se movia de forma tão independente pelos sertões da Bahia, esquecidos e deixados à própria sorte por tantos séculos, já que os sertanejos estavam esquecidos nos confins dos sertões por trezentos anos. Outra indagação que norteou nosso trabalho foi a respeito da visão do autor da obra “*Os Sertões*, Euclides da Cunha, sobre o homem sertanejo e sobre as ressequidas caatingas do sertão nordestino”.

Identificamos e situamos a obra em seu contexto histórico, trançando um panorama geral sobre o ideal republicano, que foi tão amado e defendido pelas brilhantes das mais valorosas almas de nossa nação, desde a Inconfidência Mineira, passando

pelo primeiro e segundo império, até a culminância com a Proclamação da República.

Observamos o apego fervoroso de Euclides da Cunha aos ideais republicanos desde a sua mais tenra idade se intensificando na época em que foi um brilhante aluno da Escola Militar, que para ele foi um elemento essencial na trilha do cientificismo, do patriotismo e da defesa ardorosa dos ideais igualitários que a ideologia republicana apregoava ter.

Logo a seguir, situamos a obra *“Os sertões”* de Euclides da Cunha em seu contexto literário do pré-modernismo, procurando identificar os traços característicos dessa época de transição e confrontar a obra com tais traços, onde vemos que se acentua a busca da nacionalidade, através da auto-expressão, com a valorização do Brasil do interior, procurando estudar e entender nosso povo e nossos problemas sociais de um grande país subdesenvolvido e dividido entre um litoral opulento que buscava copiar o modo de vida e a cultura das sociedades européias desenvolvidas e o interior esquecido e subdesenvolvido e abandonado à própria sorte, mas cheio de valores genuinamente brasileiros em sua mais pura essência.

Os vinte primeiros anos do século XX são marcados tanto pela presença de resíduos culturais do século XIX, como pela busca de novas formas de expressão, e aí então se coloca muito confortavelmente *“Os sertões”* de Euclides da Cunha, um produto autenticamente brasileiro.

Lembrando aos intelectuais e ao povo em geral do país que as conquistas da civilização industrial não são assim tão formidáveis e incontestáveis que nos levassem a tentar esquecermos, em vez de nos orgulharmos, daquelas fontes virgens da natureza, autenticidade e humanidade, pelas quais, entre todas as nações somos antéticos em nossa originalidade, e que pode servir de base para a construção de uma nação forte e independente.

Assim sendo, o destino do país e sua fonte de seus genuínos valores, estariam na autenticidade da natureza e do primitivismo do interior do Brasil.

Analisamos, também, a ligação de Euclides da Cunha com as teorias etnocêntricas racistas e preconceituosas do final do século XIX, que colocava o sertanejo como sendo um mestiço em estágio inferior na evolução orgânica, psíquica, intelectual, social e moral, um elemento completamente incapaz de se adaptar a um país moderno que buscava colocar-se entre as grandes nações do ocidente. Em suas primeiras opiniões sobre o homem do sertão, Euclides via-o com um entrave a modernização e um perigo à civilização. Notamos que ele dá um exagerado valor à questão racial, considerando o homem branco a princípio como a fonte de todo o sucesso e o cerne da futura colocação do Brasil entre as nações desenvolvidas.

Com relação à primeira visão de Euclides da Cunha sobre o movimento de Canudos, vemos que ele acompanha e incentiva a idéia de que o Conselheiro e seus seguidores eram na verdade ardorosos defensores da restauração da monarquia, e que o intuito principal de tal movimento era o combate e a destruição na nascente republicana brasileira, comparando o movimento sertanejo do arraial de canudos com o movimento da região de Vendéia, na França.

Tal fato ocorreu após a Revolução Francesa em 1789 por questões políticas e ideológicas, porém, em Canudos, o beato agiu com o seu grupo por uma mera concepção religiosa do poder divino dos reis começou a pregar contra as leis do novo regime, segundo ele ofensivas as leis de Deus, que, considerava que elas deviam ter supremacia sobre os poderes civis, mas sua indisposição com a república não tinha nada de sistemático, não tendo ligação alguma com os monarquistas que enviavam a volta do regime deposto.

Constatamos, logo a seguir, uma mudança de modo de Euclides de a Cunha ver representa o movimento de Canudos e o homem sertanejo, a partir do momento em que ele entra em contato direto com a realidade do meio hostil dos sertões

nordestinos e com a figura singular do homem sertanejo, a experiência da viagem ao foco da guerra nas caatingas nordestinas de canudos, arrebenta em todos os sentidos, sendo em tão esta viagem um ritual de saída de um mundo (do Sul, São Paulo e Rio) para os espaços secos e estéreis da imensidão dos sertões, adentrando em outro universo e à medida que a viagem avança, o correspondente de guerra mostra-se cada vez mais paradoxal.

Euclides, então, em sua mudança, passa a ver o sertanejo como “cerne de nacionalidade” uma idéia complementar ambígua para quem antes estava tão imbuído nas teorias racistas que achavam a mestiçagem um obstáculo para o acesso da sociedade brasileira à civilização.

A seguir procuramos demonstrar a possível literariedade da obra “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha, procurando contemplar a alma do artista em sua composição poética, em suas descrições que irradiam literariedade e poesia, observando na obra toda a crise de um espírito angustiado na dor de escrever de forma a levar-se, espontaneamente, para a criação estética indispensável à sua alma poética, pois em “*Os Sertões*” não se detêm apenas ao científico, ele exprimiu, antes de tudo, a vida que passava através do seu espírito criador, Euclides foi um poeta e um ficcionista que soube descobrir as matrizes da emoção em meio aos dramas e atrocidades da guerra de Canudos.

Observamos a mimese utilizada por Euclides da Cunha na composição de em “*Os sertões*”, para com isso buscarmos conhecer toda a força contida na palavra “mimese”, desde a Antigüidade grega, através dos conceitos de Platão e o aperfeiçoamento do termo feito por Aristóteles.

Sabemos, pois, que a mimese é a base e o princípio de toda arte literária, à medida que o artista imita o método divino de criação e retrata ao seu modo as visões antes reais, para um mundo subjetivo e cheio de literariedade, onde estão contidos os

componentes do emocional, imaginativo, o ambíguo, o irônico, o paradoxal, o alusivo, o metafórico e o plástico.

Fizemos, também, um paralelo entre a obra “os sertões” e a rica cultura popular do Nordeste, comparando-a aos cordéis e a outras manifestações da cultura do nosso povo sobre Canudos, o Conselheiro, o seu povo, suas lendas e sobre a terrível e injusta guerra travada no sertão baiano. Procuramos, assim, verificar até que ponto Canudos permanece e de que forma no imaginário da cultura popular nordestina.

Em determinado capítulo, sentimos a necessidade de aprofundar melhor o estudo e uma apurada reflexão sobre o messianismo e a singularíssima figura do beato Antônio Conselheiro, analisando, assim, a trajetória histórica e a criação do mito, desse revolucionário homem misto de santo e guerreiro, procurando buscar na história a origem do fenômeno do messianismo e suas mais remotas manifestações. Tentamos entender o conteúdo de sua prática religiosa e a essência dos seus ensinamentos que tanto seduziram e convenceram as massas sertanejas carentes e abandonadas à própria sorte por tanto tempo.

Estudamos, também, o fenômeno do Sebastianismo, que tanto influenciou e determinou muita das ações e da prática doutrinária da comunidade de Canudos, através dos ensinamentos do seu Conselheiro. Procuramos traçar uma análise histórica do surgimento do Sebastianismo, para entendermos melhor a ideologia do fenômeno singular ocorrido em Canudos.

O método utilizado, no presente trabalho foi de leituras minuciosas da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha

e de várias outras que dela tratavam ou que tinham alguma uma relação com o tema, como também obras de base teórica sobre literatura. Procuramos, assim, um aprofundamento em termos de conhecimento da realidade em todos os aspectos do fenômeno de Canudos, como também entendermos como e em que atmosfera e

com quais intenções foi concebida e composta a obra, quais suas características e seu estilo de composição literária.

CAPÍTULO I

1. A REPÚBLICA, SERTÃO E O HOMEM

Influenciados pelas conquistas liberais de fins dos séculos XVIII no continente europeu, jovens brasileiros que estudavam na Europa acompanham com interesse as grandes lutas pela liberdade de pensamento como também a repercussão que tinham nos países da América do Sul, que rompem os laços colônias, transformando-se em democracias independentes.

Homens ilustres do país formados e educados em escolas superiores da Europa defenderam sempre os anseios de independência e liberalismo, que passaram a animar por tantos anos o pensamento nacional, incansáveis e corajosos construtores da nacionalidade e lutadores em prol dos direitos da livre ação do homem. Como exemplo de um desses homens pode citar Benjamim Constant, de caráter impoluto e inteligência dotada de cultura superior, era o apóstolo da mocidade militar que o adorava.

Dentro desse grupo de admiradores e seguidores estava Euclides da Cunha, de formação positivista, como também Lima Barreto que tinham a questão social em primeiro plano em suas obras que se apresentam contra os usos, costumes e idéias vigentes na Europa. Para eles só o alto grau de organização e desenvolvimento cultural poderia garantir a soberania do país e a dignidade nacional.

A vitória republicana de 15 de Novembro de 1889 foi uma conseqüência de obra tenaz e corajosa da propaganda alimentada pelos liberais e suas organizações, surgidas a partir da Inconfidência Mineira e que jamais tanto no tempo da Colônia como no primeiro e segundo império, os donos do poder, porem, não conseguiram

extinguir. Sonhavam com um país onde os valores da terra fossem os dominantes. Os intelectuais do Brasil aspiravam com ardor pelas mudanças políticas pregadas pelos democratas e abreviou-se a vitória republicana, o descontentamento das classes militares, sob a opressão do Governo Monarquista que perdera a confiança no exercito. Porem, na primeira fase republicana, os esforços dos governantes tinham uma orientação de fazer com que o Brasil acompanhasse o ritmo da civilização dos povos mais adiantados em conquistas tecnológicas, culturais e sociais, sob os princípios do cristianismo, que influenciaram a formação de grandes e poderosas pátrias.



Figura 01 – A cidade do Rio de Janeiro (Foto: Lopes, 1896)

“As bases da nacionalidade para a literatura brasileira foi um tem a que preocupou absorventemente a mentalidade de nossos homens de letras no século XIX, especialmente na segunda metade, tornando-se uma constante crítica, como já assinalou Soares Amora”. Esse movimento do nacionalismo literário procurava buscar símbolos que traduzam literalmente a nossa vida social, como muito bem definiu Araripe Junior, e encontrou em José de Alencar o intérprete genial, num esforço consciente por dar corpo às próprias tendências.

Esse era o problema da procura dos elementos que diferenciavam o país novo em relação ao colonizador. Era o problema de ser brasileiro, problema de país novo, de cultura resultante da transposição de uma cultura tradicional para uma região nova. Era a busca de resposta à pergunta da auto-identificação, isso é, do conjunto de qualidades e defeitos que tornam o brasileiro diferente dos outros povos e, ao mesmo tempo, igual a todos os outros brasileiros (COUTINHO, 1987, p. 231).

O cenário político do final do século XIX e início do século XX, configurou-se como sendo o início da República. Com exceção dos dois primeiros presidentes: marechal Deodoro da Fonseca e o Marechal Floriano Peixoto, foi marcado pela dominação política dos grandes cafeicultores e pecuaristas paulistas e mineiros. Porém, mesmo com todo o sonho republicano de mudanças e de igualdade entre homens de todas as classes e raças, na verdade a estrutura política continuava a mesma, deixando marginalizados do processo os negros recém-libertados, os imigrantes que aqui haviam chegado para substituir a mão de obra escrava e um proletariado nascente.

Nesta mesma época, a Europa se preparava para a que seria a terrível e grande primeira guerra mundial, que ocorreu entre 1914 a 1918. O Brasil começa a viver, a partir de 1894, um período de sua história republicana. Após os dois marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, subiu ao poder o primeiro presidente civil, o paulista Prudente de Moraes. Tomou posse em 1894, começando aí, então, uma alternância de poder conhecida como “café-com-leite” que manteve durante as três primeiras décadas do século XX, mediante acordo tácito entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. A economia do primeiro baseava-se na cultura e exportação do café; a de Minas Gerais baseava-se na produção de café e de laticínios.

A implantação da república ao invés de solucionar e fazer as necessárias mudanças sociais e econômicas que o Brasil tanto almejava, acentuou ainda mais os contrastes da sociedade brasileira: os negros, recém-libertados, marginalizaram-se; os imigrantes chegavam à razoável quantidade para substituir a mão-de-obra escrava, surgia uma nova classe social: proletariado assalariados.

Vemos, então, de uma parte os ex-escravos, imigrantes e proletariado nascente: de outro lado, uma classe consertadora, detentora do dinheiro e do poder. Mas toda essa prosperidade vem acentuar cada vez mais os fortes contrastes da realidade brasileira, da redenção entre esses dois pólos sócios resultou em um panorama nada tranqüilo.



Figura 02 – Negros recém libertos (Foto: anônimo , 1897).



Figura 03 – Imigrantes Italianos. (Foto: anônimo, 1896)

Na verdade, o governo dos dois primeiros presidentes republicanos (Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto) foi apenas uma transição do império para a república.

O panorama nacional, neste grave momento da nossa história, com as tensões entre conservadoras resistentes às mudanças e os novos estratos sociais marginalizados que se confrontam, e desse panorama resulta um uma realidade nacional nada tranqüila, que pode ser representado por fanatismo religioso, fenômeno do cangaço em todo o nordeste, guerra de Canudos, revolta a vacina obrigatória na verdade apenas um pretexto do povo contra a opressão, revolta da chibata, greves operárias, guerra do contestado.

Com relação à cultura, o período foi marcado pela convivência entre várias tendências artísticas ainda não totalmente superadas e algumas novidades de linguagem e de ideologia. Esse período, que representou um verdadeiro cruzamento de idéias e formas literárias, é chamado de Pré-modernismo, que apesar de não constituir uma “escola literária”, apresentando, individualmente muito fortes, com estilos às vezes antagônicos como é o caso, por exemplo, de Euclides da Cunha e

de Lima Barreto, podemos perceber alguns pontos comuns às principais obras pré-modernistas que apesar de algum conservadorismo, demonstram um caráter inovador em algumas obras, que representam uma ruptura com o passado.

Agora é preciso dizer que a busca da identidade sempre foi uma constante na literatura brasileira e continua sendo, na medida em que há no âmago da nacionalidade a busca pela auto-expressão. Se no romantismo, já no século XIX, a busca da nacionalidade teve um grande impulso devido à independência política, entretanto não foi esquecida após a consolidação da república. Tanto que no Pré-modernismo, temos uma valorização do Brasil do interior através de nomes como: Euclides da Cunha, um Monteiro Lobato etc.; no modernismo, como consequência do espírito de nacionalidade, a xenofobia se faz presente, aparecendo uma expressão literária marcadamente brasileira, resgatando, em seguida, a questão social através do romance regionalista, e, finalmente, depois do modernismo, ou seja, a partir de 1960, aparece à pluralidade de formas na literatura, mostrando a coexistência, muitas vezes em uma mesma obra, de vozes que só vêm ressaltar as diferentes interpretações acerca de um mesmo fato, o que é característica de Pós-modernidade.

A maioria, quanto à identidade, ocorre quando autores como esses decidem retratar o brasileiro em toda sua plenitude e complexidade, muito mais próximo da realidade nacional, buscando uma visão mais crítica e real. Estabelece o nacional como síntese de tudo o que há de bom e mau no homem.

Nasce um outro tipo de herói, um herói que é a alegoria da impossibilidade de se determinar um único caráter dominante que seja capaz de tipificar o ser nacional. A identidade, assim, já com o perfil da maioria, é representada como um intertexto de vozes. Mas isso é uma outra história (COUTINHO, 1989, p, 45).



Figura 04 – Centro do Rio de Janeiro (Foto: Lopes, 1901)

Notamos que os primeiros vinte anos do século são marcados tanto pela presença de resíduos culturais do século XIX como pela busca de novas formas de expressão. Nasce aí o desejo da expressão individual de redescobrir o Brasil, mostrando-o como ele realmente é, e com uma tendência a crítica pelo esquecimento e desamparo de um país esquecido, ignorado e por vezes doente, mas que precisa ser mostrado, discutido, interpretado. No geral podemos dividir em quatro tendências as literárias existentes neste período:

Parnasianos: conservando ainda as suas idéias formalistas, vendo a literatura como “o sorriso da sociedade”, com sua linguagem cheia de retórica e bacharelismo, “Olavo Bilac, na prosa e Coelho Neto, na poesia, são os príncipes idolatrados”. Coelho Neto escreve um sem-número de romances que obtém grande sucesso, menos pela qualidade narrativa, e mais pelos insuportáveis artifícios de rebuscamento verbal de seu estilo.

Simbolistas: Grupo relativamente inexpressivo que ainda sonha com neves e neblinas e escuta os doces violinos de Verlaine. Porém nas décadas posteriores,

alguns jovens poetas talentosos como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Mário Quintana iniciarão suas carreiras, demonstrando uma forte dívida para com estes simbolistas retardatários.

Realistas ou neo-realistas: Usa a objetividade e a verossimilhança em suas obras prosadores que fazem sempre uma crítica social acompanhada de uma análise psicológica, começando aí uma preocupação com os graves problemas sociais do povo brasileiro. Destacam-se, dentro desta linha, Monteiro Lobato, com o resgate do caboclo paulista; Lima Barreto com sua análise e crítica a situação do mulato e do negro no contexto nacional.

Na música erudita, destaca-se o cearense Alberto Nepomuceno, que compôs músicas com intenções nacionalistas. Foi ele também que introduziu os compositores europeus modernos no Brasil.

Algo novo começa a acontecer, na música popular brasileira-o maxixe, a modinha a toada começou a surgir nos salões, tomando o lugar da polca e da valsa. Essa aceitação da música popular pelas elites deu-se a partir do momento em que compositores considerados “sérios”, como Ernesto Nazaré, que começaram a se interessar pelos ritmos populares.

Pouco a pouco o carnaval, tornou-se a primeira festa popular do Rio de Janeiro e posteriormente do Brasil. Em 1901, Chiquinha Gonzaga divulga a célebre marcha “ô abre alas”. A música carnavalesca torna-se um irreverente veículo de sátira política. Em 1905, por exemplo, os grupos que se dedicam às músicas consideradas “obscenas” (como o maxixe e o samba) sofreram perseguições policiais, que ficaram registradas nesta canção: “Eu vou beber/ Eu vou me embriagar/ eu vou fazer barulho/pra policia me pegar/A policia não quer que eu sambe aqui/eu sambo acolá.”.

Novos inventos surgiram como o gramofone em 1904, ajudou a difusão da música por todo o Brasil. Porém Ignorando as mudanças que já ocorriam na Europa, à pintura brasileira desse período seguia no mais puro estilo acadêmico, refletindo temas ambientes da elite.

Os primeiros sintomas de renovação surgiram em 1913, quando o pintor Lajar Segall expõe uma parte de sua revolucionaria obra. Em 1917, a paulista Anita Malfatti promove uma exposição que causa escândalo, lançando a polêmica que iria gerar a Semana de arte moderna, em 1922.

Com relação ao pré-modernismo, podemos afirmar que não se constitui uma “escola literária”, ou seja, não temos um grupo de autores afinados em torno de um mesmo ideário, seguindo determinadas características. Na realidade, Pré-modernismo é um termo genérico que designa uma vasta produção literária que abrangeria os primeiros vinte anos deste século. Aí vamos encontrar as mais variadas tendências e estilos literários, desde os poetas parnasianos e simbolistas, que continuavam a serem produzidas, até os escritores que começavam a desenvolver um novo regionalismo, além de outros mais preocupados com uma literatura política e outros, ainda, com propostas realmente inovadoras.

Por apresentarem uma obra significativa para uma nova interpretação da realidade brasileira e por seu valor estilístico, limitaremos o pré-modernismo ao estudo de Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos. Assim, abordaremos o período que se inicia em 1902 com a publicação de dois importantes livros “Os Sertões” de Euclides da Cunha, e Canaã, de Graça Aranha, e se estende até o ano de 1922, com a realização da semana de Arte Moderna.

Podemos dizer que a literatura brasileira atravessou nesta época um período de transições nas primeiras décadas. De um lado, ainda há a influência das tendências artísticas da segunda metade do século XIX; de outro, já começa a ser preparada a

grande renovação modernista, que se inicia em 1922, com a Semana de Arte Moderna. A esse período de transição, que não chegou a construir um movimento literário, que se chamou Pré-Modernismo.

O Brasil nas últimas décadas do século XIX passou por várias transformações que apontavam para uma modernização de nossa vida política, social e cultural.

Assim a literatura é a própria história de uma coletividade, refletindo as imagens da vida humana. Segundo as palavras de Antonio Cândido, certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, fazem da literatura aspecto orgânico da civilização (CANDIDO, 1975, p. 23).

Sem essa tradição – transmissão entre os homens, influenciando pensamento – não há literatura. É através da linguagem que o homem capta o passado e relê os fatos. Tanto a literatura quanto a história são constituídas a partir de uma organização discursiva subjetiva da realidade. Assim a literatura pode ser considerada como uma forma privilegiada de lerem-se os traços da história. Ambas são constituídas com fragmentos do passado, criando um mundo que só existe na memória, reconstruindo, dessa maneira, tradições culturais por meio de uma linguagem que se enriquece a partir do imaginário, cuja verdade possível é o relato relativo da verdade que há na consciência do escritor. A história não é feita por si só, mas de narradores cuja visão do mundo é coletiva.

Um povo sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como rele planta rasteira, nascida para ser pisada. De todas as artes, é a palavra, sem contestação, aquela que exerce uma influência mais penetrante, um papel mais saliente na formação das nacionalidades (RONALD, 1968, p.43).

Nas duas primeiras décadas do século XX no Brasil a literatura registra um estilo que podemos chamar de estilo de transição, pois o pré-modernismo apresentou duas faces: uma ala conservadora, representada pela permanência de elementos naturalistas na prosa e por elementos parnasianos na poesia. Algo renovador surgiu,

e começamos notar um interesse crescente pela realidade brasileira da época, que mostra do interior, com todas as mazelas e tensões e contradição de uns pais rico e pobre ao mesmo tempo, divide entre o litoral opulento e o interior esquecido, cujo panorama é o seguinte: Euclides da Cunha historia a guerra de Canudos em sua obra mais importante: Os Sertões; Graça Aranha mostra em Canaã, a problemática fixação do imigrante em terras brasileiras; Lima Barreto testemunha a inutilidade do nacionalismo exagerado o ufanista (triste fim de Policarpo Quaresma), o preconceito de cor e classe social (Recordações do escrivão Isaias Caminha e Clara dos Anjos), os males da burocracia (vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá) em seus romances mais conhecidos; Monteiro Lobato analisa a situação do caboclo numa zona de economia decadente em Urupês e cidades mortas, livros de contos; Valdomiro Silveira e Simões Lopes Neto, através de seus contos, vasculham a região sul do país. Do primeiro destacam-se Os caboclos, e do segundo, Contos gauchescos.

Mesmo presos ainda aos moldes do romance realista-naturalista e da poesia simbolista os autores pré-modernistas começam a demonstrar novos olhares e abrirem novas questões sob enfoques nunca tratados antes, com seu novo modo de ver e destacar a realidade brasileira com seus graves problemas.

No século XIX, considerando-se que a literatura tem a capacidade de interferir na história o ajudando a construí-la, teve uma geração de escritores brasileiros que tomou a seu cargo a tarefa de escrever o Brasil. Por isso nessa época pode-se dizer que a pátria e a narrativa deram nascimento uma a outra. Nessa fase de autonomia, com seus romances ora indianistas, regionalistas ou mesmo urbanos, os escritores românticos oferecem à sociedade brasileira um tipo de modelo narrativo que favorecia a construção da organização social, preenchendo o relativo vazio de estruturas sócio-políticas de uma nação que nascia. O discurso sobre a história é ufano e promete um final feliz. Iracema, por exemplo, de Alencar, oculta a violência da conquista colonial, enquanto A escrava Isaura, de Bernardo Guimarães, para poder protagonizar a cena romanesca ou representar parcela da identidade nacional, não pode ser totalmente negra. Assim se cumpre mais uma vez o discurso

da burguesia ascendente. É interessante o leitor de agora perceber que todos os enfoques dados pelos escritores românticos, embora muitas vezes o frustrem, ofereceram aos seus contemporâneos o que eles necessitavam, ou seja, o mito de emancipação, o mito da beleza, a identidade cultural, a história pátria, para citar apenas alguns exemplos.

Os traços característicos universalizam o realismo-naturalismo, onde não existia o interesse em observar e denunciar os graves problemas sociais da realidade das sociedades humanas onde está inserida tal criação literária. Tendo na prosa de Machado de Assis e Aluísio Azevedo um exemplo puro dessa questão, constata-se que não havia interesse em analisar a realidade brasileira. A preocupação central desses autores era abordar o homem universal, sua condição e seus anseios. Aos escritores pré-modernistas, ao contrário, interessavam assuntos do dia-a-dia dos brasileiros, originando-se, assim, obras de nítido caráter social. Graça Aranha, por exemplo, retrata em seu romance *Canaã* imigração alemã no Espírito Santo; Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, aborda o tema da guerra e do fanatismo religioso em Canudos, no sertão da Bahia; Lima Barreto detém-se na análise das populações suburbanas do Rio de Janeiro; e Monteiro Lobato descreve a miséria do caboclo na região decadente do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo.



Figura 05 – Negros Libertos (Foto: Lopes, 1893).

Policarpo Quaresma e uma espécie de Dom Quixote nacional, um otimista incansável que luta pela aplicação da justiça. Quanto ao mulato Isaías Caminha, o próprio Lima Barreto afirmou que na obra pretendeu demonstrar que *“um rapaz nas condições de Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não na virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado pelo preconceito”*.

Notamos nos pré-modernistas a busca por uma linguagem mais simples e coloquial. Embora não se verifique essa preocupação na obra de todos os pré-modernistas, ela é explícita na prosa de Lima Barreto e representa um importante passo para a renovação modernista de 1922. Lima Barreto procurou “escrever brasileiro”, com simplicidade. Para isso, teve de ignorar muitas vezes as normas gramaticais e de

estilo, provocando a ira das meias normas gramaticais conservadores e parnasianos.

Pontuada de palavras “não-poéticas”, como cuspe, vômito, escarra verme, era uma afronta à poesia parnasiana ainda em vigor. Lima Barreto ironiza tanto os escritores “importantes” que utilizavam uma linguagem pomposa quanto os leitores que se deixavam impressionar: “Quanto mais incompreensível é ela (a linguagem), mais admirado é o Escrito que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito” (Os Bruzundangas).

É forte neste período a denúncia da realidade brasileira, negando o Brasil literário herdeiro do Romantismo e do Parnasianismo; o Brasil não-oficial do sertão nordestino, dos caboclos interioranos, dos subúrbios, é o grande tema do pré-modernismo.

Regionalismo, montando-se um vasto painel brasileiro: o norte e o Nordeste com Euclides da Cunha; o vale do Paraíba e o interior paulista com Monteiro Lobato; o Espírito Santo com Graça Aranha; o subúrbio carioca com Lima Barreto. Tais escritores fazem questão em destacar os tipos humanos marginalizados: o sertanejo nordestino, o caipira, os funcionários públicos, os mulatos.

Uma ligação com fatos políticos, econômicos os sociais contemporâneos, diminuindo a distância entre a realidade e a ficção. São exemplos: Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto (retrata o governo de Floriano e a Revolta da Armada), Os Sertões, de Euclides da Cunha (um retrato da guerra de canudos), Cidades mortas de Monteiro Lobato (mostra a passagem do café pelo vale do Paraíba paulista), e Canaã, de Graça Aranha (um documento sobre a imigração alemã do Espírito Santo). Podemos constatar que essa “descoberta do Brasil” é a principal herança desses autores para o movimento modernista, iniciado em 1922.

O Pré-modernismo é uma fase de transição e por isso, registra ainda um pouco de um traço conservador.

1.1 Dados biográficos de Euclides da Cunha

Ingressou, em 1885, na escola politécnica, do Rio de Janeiro, para estudar engenharia. Matriculou-se, no ano seguinte no curso do estado-maior e engenharia militar da escola militar, na praia vermelha no Rio, que tinha a vantagem de pagar soldo além do fornecer alojamento e comida.



Figura 06 - Euclides em perfil (Foto: George Huebner, 1905)

A escola militar era um centro de irradiação de idéias positivistas e evolucionistas que traziam a crença na evolução da humanidade e reforçavam a certeza de

Euclides no fim próximo da Monarquia. Voltou a estudar a estudar com Benjamim Constant, professor de calculo, positivista não ortodoxo, que iria se tornar um dos lideres da Proclamação da Republica.

O comandante da escola tinha proibido os cadetes de participarem de manifestações republicanas e, para impedir sua saída, marcou inspeções da tropa pelo ministro da guerra. Euclides, com 22 anos, saiu de forma durante a revista, atirou ao chão o sabre-baioneta e interpelou o ministro sobre a política de promoções no exército.

O jovem cadete se tornou o centro de uma controvérsia, que se somaram os muitos atritos, desde 1884, entre o exército e o governo sobre o direito dos militares de exprimirem suas idéias políticas. O incidente foi noticiado pelos principais jornais do Rio e de São Paulo e discutido no congresso. Mas o governo procurou negar o caráter político do ato de Euclides, que foi desligado da carreira militar em dezembro de 1884, sob o pretexto de incapacidade física.

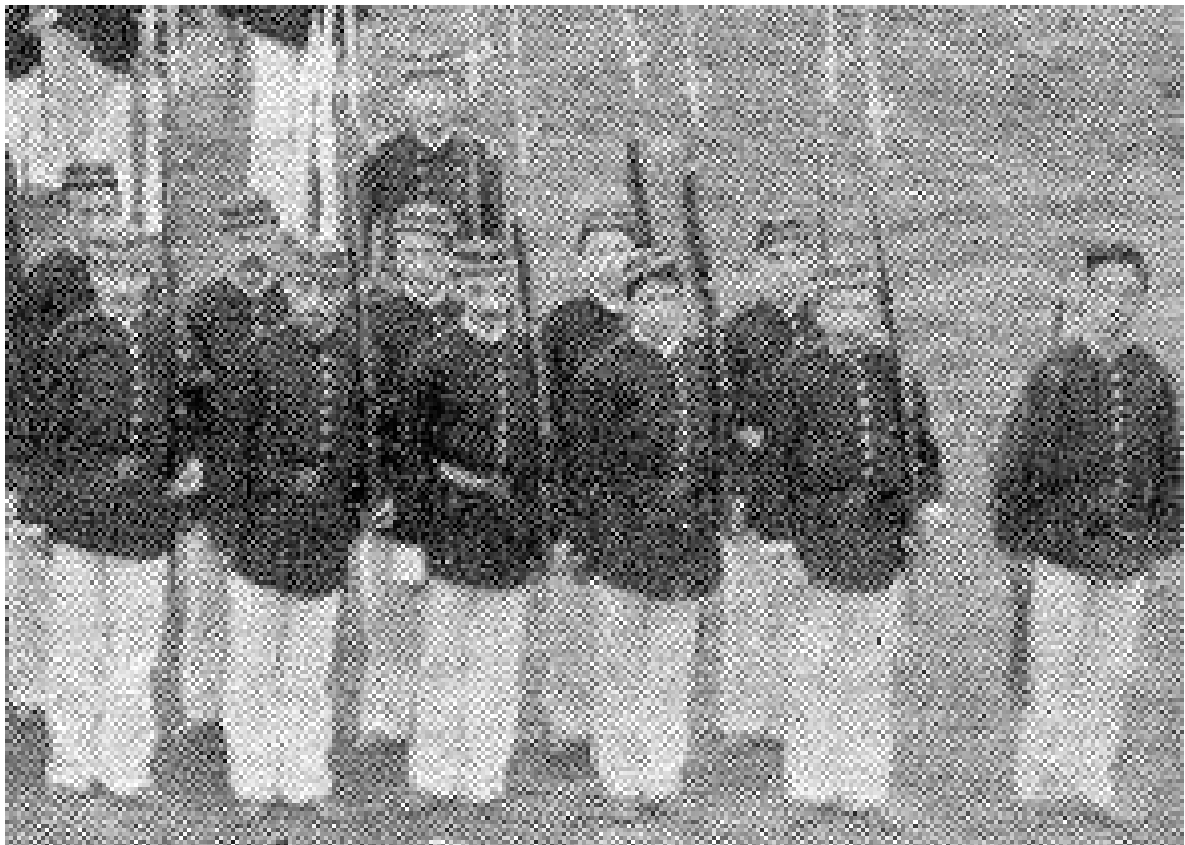


Figura 07: Euclides na Escola Militar da Praia Vermelha (da dir. para a esq., Euclides é o quinto). (FOTO: Juan Carlos, 1946)

O pretexto trouxe notoriedade a Euclides, que foi convidado por Júlio Mesquita para escrever em “A Província de São Paulo” na imprensa diária, em dezembro de 1888, com artigos de propaganda, que atacavam o imperador e a família real, e pregava a necessidade da revolução política. Acreditava ser inevitável a passagem da Monarquia à República, em conformidade com as leis históricas: “*Desiluda-se, pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro*”.

Só soube da proclamação da República na manhã do dia 16 de março, através dos jornais e de um colega da politécnica, que voltara a cursar após a saída do exército. O colega, sobrinho do major Sólton Ribeiro, um dos líderes militares da proclamação, lhe contou com detalhes da revolução e o convidou para uma reunião à noite na casa do tio onde conheceu a futura mulher.

Militante republicano, Euclides logo se desiludiu com o novo regime. Atacou, pelos jornais, alguns atos do governo, como a indenização oferecida a D. Pedro II, que o ex-imperador recusou. Criticava em carta ao pai, o governo do Marechal Deodoro da Fonseca, que julgava desmoralizado, e censurava Benjamim Constant, seu antigo ídolo, que nomeou parentes e conhecidos para cargos públicos.

O Marechal Deodoro foi derrubado em novembro de 1891 por uma rebelião da marinha e o vice-presidente Marechal Floriano Peixoto, assumiu o governo. Euclides defendeu em artigo a permanência de Floriano na presidente que enfrentava forte oposição. Abandonara a postura de revolucionário, ao defender uma política conservadora de consolidação da república. Atacava os adversários do governo, que comparava aos camponeses rebeldes da Vendéia, inimigos da revolução francesa, empregando o mesmo paralelo histórico que iria aplicar mais tarde à guerra de Canudos: “*A república vencê-las-a, afinal, como a grande revolução à Vendéia*”.

Revolução da armada estourou em 06 de setembro de 1893, na capital da república, opondo a Marinha e o Exército, que se enfrentaram até março do seguinte ano.

Desgostoso com a carreira militar, pediu licença do exército em 1895 e reforma no ano seguinte, com terça parte do soldo. Mudou-se para o estado de São Paulo, onde trabalhou na superintendência de obras públicas até 1903. Atuou ainda por poucos meses, em 1904 na comissão de saneamento de Santos.

O mesmo governo republicano que pregava a liberdade dos homens de pensamento, o liberalismo, o respeito a todos os homens de todas as classes, patrocinou um dos acontecimentos mais terríveis e sangrentos da história do Brasil, quatro expedições militares foram envolvidas durante um ano contra mais de vinte mil habitantes da região de canudos, sertanejos dirigidos pelo beato revolucionário Antônio Conselheiro que munidos apenas de paus, pedras e armas rústicas, para combater, soldados do exército republicano, treinados e munidos de todos os artefatos bélicos mais modernos: Granadas, caminhões, metralhadoras, e todos os tipos de armamentos de vários calibres.

Porém, a tenacidade, resistência e bravura do sertanejo e de seu conselheiro até hoje assombra, pelo destemor diante de uma morte certa, por uma causa que acreditavam justas e santa.

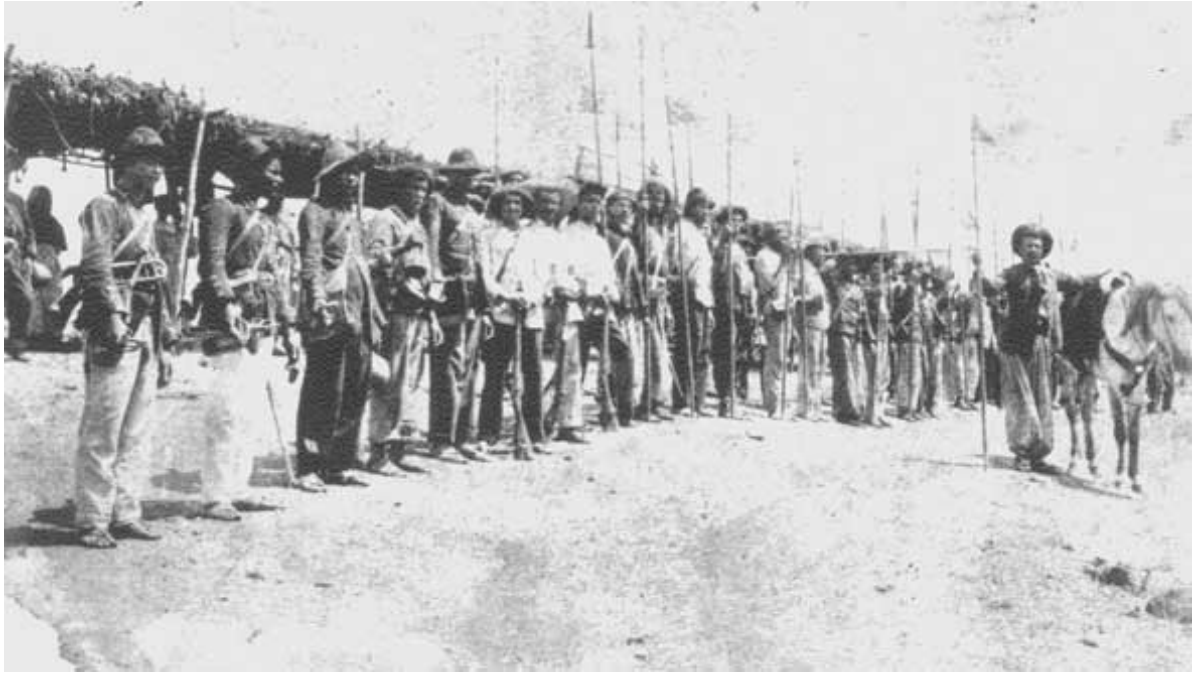


Figura 08 - Ala do 1º Esquadrão do 9º regimento de Cavalaria da 3ª Brigada
(Foto: Flávio Barros, 1897).

Euclides da Cunha tornou-se um militar e um republicano desiludidos e um escritor notável, que conseguiu integrar a guerra a uma interpretação histórico-cultural extremamente complexa no Brasil. Talvez seja essa uma das principais razões de seu livro ter prevalecido sobre os demais relatos a ele contemporâneos. Ventura entende também que Canudo se tornou, com a interpretação de Euclides, o símbolo de um processo de modernização que se dá através de violentos choques culturais e políticos. Sem isso, ela seria mais uma comunidade ou um movimento messiânico massacrado e dizimado por tropas do governo.

Este notável brasileiro exerceu a função de engenheiro civil no meio militar. Foi membro do Instituto Histórico e catedrático em lógica pelo Colégio Dom Pedro II. Viajou muito e escreveu *Os Sertões* pela experiência própria de ter testemunhado a guerra de Canudos como correspondente jornalístico. Envolvendo num grande escândalo familiar, foi assassinado em duelo pelo amante da esposa.

Positivista, Florianista e determinista, é seu estilo pessoal e inconformismo caracteriza-o como um pré-modernista. Foi o primeiro escritor brasileiro a

diagnosticar o subdesenvolvimento do país, diagnosticando os dois Brasis o do litoral e do sertão.



Figura 09 - Soldados e um Conselheiristas Preso. (Foto: Flávio Barros, 1897)

O sertanejo de canudos foi vítima de uma elite alienada, mal intencionada e completamente desorientada da realidade do povo brasileiro, fazem do povo de canudos e do seu conselheiro, verdadeiros mártires, vítimas do preconceito e da falta de conhecimento em relação ao povo daquela sociedade há um tempo rude e complexa “e certo de terem sido” os sertanejos de canudos vítimas ou mártires de uma elite desorientada, a dos homens do litoral, e que Euclides da Cunha escreveu suas paginas mais vibrantes de revelações de um Brasil sertanejos quase ignorados pelos próprios brasileiros (BOSI, 1997, p. 352).

Com relação às razões que levaram o governo republicano nascente, a usar de uma força tão brutal contra canudos, sobre o fato pretexto de que ali começava a primeira etapa de uma luta armada em prol da restauração da monarquia “*o contato direto*

com as condições físicas e morais do sertanejo acabaram por desmentir o pressuposto de que canudos era um foco monarquista” (BOSI, 1997, p.348).



Figura 10 - Última testemunha ocular da guerra de Canudos, D. Dionizia Valeriana da Gama. (Foto: Antonio Olavo, 1983).

Apesar de preconceituosa vai nos deter na opinião do médico e cientista de princípios determinista, positivista e que acreditava na inferioridade das raças não brancas e de prejuízo da mestiçagem, que a respeito dos sertanejos de canudos diz:

O sertanejo seria o espaço de uma população mestiça no “estágio inferior da evolução social”, sem capacidade mental para compreender as abstrações políticas decorrentes da mudança da monarquia para a república. “Incapazes de compreender a república como forma superior de organização política, os sertanejos” serão monarquistas como os fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, étnico e religioso, insuficientemente ou incompleto (RODRIGUES, 1939, p. 70).

Embora que o Conselheiro com suas crenças Sebastianistas e messiânicas tinha a república como o reino do Anticristo, personagem do apocalipse que surgiria antes

do fim do mundo para semear a impiedade e a discórdia até ser vencido pelas forças divinas, e é provável que os sertanejos identificassem no conselheiro esse anjo que seguido à profecia apocalíptica, iria aparecer no mundo para fazer pregações, fundar cidades e construir igrejas e capelas: Tais profecias ainda pregavam que eram previstas desgraças, como a construção de estradas de ferro, a grande fome, a prisão de fieis e guerra civis, que precederão o retorno de dom Sebastião e de Jesus para inaugurar uma nova era.

Podemos afirmar que a ação desencadeada em Canudos foi antes de tudo uma guerra com intenções de promover o extermínio, com a morte de 5 mil soldados e o massacre da segunda maior cidade da Bahia depois de Salvador, com cerca de 20 mil habitantes. Tal extermínio se deveu menos ao anti-republicanismo do conselheiro do que a fatores políticos, como os conflitos entre facções partidárias na Bahia, a atuação da igreja contra a atuação pouco ortodoxa dos beatos e pregadores e as pressões dos proprietários de terras contra a comunidade, cuja expansão trazia escassez de mão-de-obra e rompia o equilíbrio político da região. Na verdade, a guerra serviu de pretexto à repressão aos grupos monarquistas, uma espécie de exemplo para todos os opositores do nascente regime republicano.

i
u
aF
g
r

11 - Parque Estadual de Canudos. (Foto: Xando Pereira -1985)

CAPITULO II

2. A LITERARIEDADE DO SERTÃO EUCLIDIANO

Acreditamos que *Os Sertões* é uma obra literária, à medida que encontramos nela a externalização de um fato interior e exterior, vivido pelo narrador, quando as suas impressões e emoções ao experimentar a dura realidade da guerra de Canudos, transfigurando em palavras que buscam repetir na obra o que os olhos viram e na alma transformou em emoções, muito além das fronteiras do real, do histórico ou da simples narração fria dos fatos.

Na descrição dos Sertões, o cientista erradia em detalhes de geografia, de geologia, de botânica, de antropologia, o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnóstico sociais do povo sertanejo. Mas para redimi-lo dos erros técnicos, havia em Euclides da Cunha o poeta, o profeta, o artista cheio de intuições geniais. O Euclides que descobrira na paisagem e no homem dos Sertões valores para além do centro e do errado da gramática da ciência (FREYRE, 1987, p. 21).

Na obra, o narrador conserva, entre as suas imagens, a realidade até o ponto que a ele convém na construção de sua visão da terra, do homem e da luta. Sendo aí então, que a criação poética excede a experiência do real, o artista não se prende às cópias fiéis, deixando o fato literário sobrepujar a realidade, tecendo uma narrativa vibrante e carregada de função estética, a história se desenrola de uma forma intensa na retórica e mesmo podemos até dizer: na teatralidade da alternância de painéis móveis e cenas dinâmicas.

Vemos, na obra, elementos literários e científicos. É uma obra híbrida, que transita entre a narrativa e o ensaio, entre a literatura e a história. Obra que oscila entre o tratamento científico e o enfoque literário, com excesso de termos técnicos e profusão de imagens. Daí resulta um estilo, podemos dizer barroquizante e

exuberante, repleto de dissonâncias e antíteses, cuja singularidade advém da aliança incomum entre a narrativa, a história e a ciência. Alarmado com o avanço da cultura estrangeira, lançou seu brado de alerta em “os Sertões”. “*Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos*” (CUNHA, 2003, p. 123).

Constatamos em os Sertões as crises de um espírito angustiado, na “dor” de escrever uma obra original, onde os fatos observados pelo narrador no cenário da guerra e mesmo as reflexões científicas e antropológicas são colocadas de modo plástico, sugestivo e emocionante, ponto de partida absoluto de todo o fato literário contido na obra, o narrador é levado, espontaneamente, a encaminhar-se para a criação estética indispensável à sua alma poética. Pois a função estética é algo mais que a simples sensibilidade e na narrativa de Euclides da Cunha há um conjunto de emoções que atuam sem a intervenção imediata do visível do componente que se denomina teoria. É a sua própria alma que se revela através da liberdade que nos convida a contemplar Canudos de uma forma cheia de emoções e movimento.

Ao Helenismo no tempo, ao academismo remaniano, à imitação do humor inglês que em Machado foi assimilação genial - Euclides não escaparia da todo. Há dele uma declaração expressiva: que se sentia ao mesmo tempo tapuia, celta e grego. Mas já era muito, em plena época de Coelho Neto e B. Lopes admitirem um escritor vitorioso no Rio de Janeiro que fosse um terço tapuio, e não completamente Heleno (FREYRE, 1987, p.19).

Para o narrador não há uma separação entre o temporal e o espiritual, separação que implicaria na alimentação do homem, e, portanto, da sua criação literária, restringindo-a apenas a uma fria descrição de fatos ocorridos na guerra de Canudos, e isso ao pé da letra. Ao atingir a plena consciência de si mesmo e do que sua alma traduziu sobre Canudos retoma a um mundo multicolor e concreto, mostra toda a grosseria destes mundos crus, suados, fétidos de um cotidiano de uma guerra cruel, injusta e sem sentido, apresentando-a de uma forma carregada de emoção através de uma forte vontade de apelar para a liberdade das palavras ao descrever a terra, o homem e a luta, com a finalidade que se realize e se mantenha a liberdade

humana. *“O poeta viu os sertões com um olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro. Quer o de qualquer simples geólogo ou botânica que o de qualquer*



antropologista” (FREYRE, 1987, p. 21).

Figura 12 – O sertanejo em seu meio hostil. (Foto: Evandro Teixeira - 1990).

Em *Os Sertões*, Euclides elabora uma forma narrativa que demonstra sua tendência para as múltiplas perspectivas do tema e dos elementos que o constroem. É o caso, por exemplo, da associação de um narrador e de um observador na definição da estrutura narrativa com uma divisão entre a terra a o homem e a luta, retratando o cotidiano do sertanejo inserido em sua realidade. Por força disso, desenvolve-se um discurso multi-respectivado, representativo do intercâmbio de vozes narrativas diferentes posicionadas em estratégicos pontos de vista.

A obra é muito mais que a paisagem e ultrapassa os limites de um livro meramente científico. É na verdade um “grito” carregado de emoção é a tradução da personalidade angustiada, cheia de exageros e poesia, é também, uma mensagem profética sobre o destino do sertanejo, que ele adotou como sendo sua gente e traduziu em sua obra as dores do seu povo. *“O autor deos Sertões foi o primeiro*

caso de verdadeira empatia. Ele não só se acrescentou aos sertões, para sempre à sua personalidade e ao “caráter brasileiro”, de que ficou como um dos exemplos mais altos e mais vivos. Uma espécie de mártir” (FREYRE, 1987, p. 32).

A grandeza e o destaque de “Os Sertões” como um dos livros mais significativos da literatura brasileira, e reconhecida nacionalmente e internacionalmente pela crítica, sendo um marco precioso que assegurou a autonomia e maioridade das letras e da inteligência brasileira, é uma obra antes de sentido nacionalista pela sua descrição minuciosa, ora de aspecto de geografia, ciências naturais, etnografia, sociologia, história social do sertão nordestino e principalmente do homem do sertão e toda a influência que sobre ele é exercida pelos aspectos citados. “*Era, foi e é, “livro escrito para a alma ardente de um povo inquieto” (COUTINHO, 1976, p. 87)*”.

Em Os sertões o artista não se detém ao científico, mesmo quando é tratado, se faz sentir sempre um fator puramente individual exprimindo a realidade com uma concepção sua e de um modo inteiramente pessoal que provém das profundas manifestações de uma alma sensível, pois na construção da obra vemos uma forte decisão do narrador em experimentar a visão individual, sua concepção pessoal da realidade de Canudos, embora ainda que se notem certas tendências universais da espécie humana em um mecanismo de exteriorização de fenômenos internos, que é a grande força da criação artística se revela na expressão dos seus sentimentos.

Toda a obra de Euclides da Cunha está pelos animais e pelas árvores nos seus momentos de resistência, de dor, de sacrifício, de fome. Flagrantes surpreendidos pelos olhar arregalado do estilista mais dominado pelo sentido escultural da figura humana e da natureza selvagem que já escreveu no Brasil e talvez em língua portuguesa. Flagrantes e idealizações sobre a forma- que chega sugerir certo narcisismo mórbido- de alongamentos grecóides. Aliás, ele chega a parecer um irmão mais novo desgarrado na literatura não só de El Greco como Alonso Berruguete (FREYRE, 1987, p. 24).

A obra teve para o narrador uma função mais grave do que a de mitigar as suas dores individuais e de a ele proporcionar “o senso de dever cumprido ao colocar a realidade de uma guerra injusta e sem propósitos positivos, ele exprimiu antes de tudo a vida, passando através do seu espírito criador, a dor da vida real, na guerra

de canudos, procurando perceber as coisas nas suas mais puras formas, não só nas cores e nos sons e nos acontecimentos vividos, mas nos mais sutis movimentos e manifestações da vida interior, colocando-o face a face com a realidade, afastando símbolos, generalidades e convenções criadas pela necessidade prática, e desligando-se até certo ponto, dos interesses da ação “O livro de poesia, sim; narrativa heróica, sim; epopéia em prosa, perfeito”. E porque certo tudo isso é possível refletir sobre Os sertões o que dom Quixote disse Helmut Haltfeld: A obra de arte da linguagem. Neste conceito cabe o de poesia, hoje entendida como arte essencialmente verbal” (COUTINHO, 1988, p.129).

O narrador na obra Os Sertões mostra-se capaz de se desligar, até certo ponto, dos interesses da ação, mostrando a realidade sobre a óptica da criação estética, captando os sentidos ao invés dos fatos reais descritos ao pé da letra.



Figura 13 – 38^o Batalhão de Infantaria no acampamento.

(Foto: Flávio Barros, 1897).

Euclides da Cunha de tudo foi um poeta e o ficcionista que descobriu as matizes das emoções em meio aos dramas e atrocidades da injusta guerra de Canudos, externando sentimentos e pensamentos que permanecem invisíveis e mesmo

incompatíveis a um homem de ciência, de pensamento positivista e cartesiano, porém tal como acontece à imagem fotográfica ainda não mergulhada no banho, só no momento adequado se revelará. E a obra *Os Sertões* foi o seu revelar. Assim, a arte torna possível ampliarmos as faculdades da alma em termos de percepção, mostrando-se um idealista se preocupando, menos o comum dos homens, com o dado positivo e material da vida, creio que ele teve que fazer uma escolha e o fez, entre optar pela beleza ou a verdade pura e preferiu com certeza a beleza convicta de que ela traria no seu seio uma verdade mais alta e mais profunda que a pura e fria verdade dos fatos.

Euclides, intuitivamente, notou que ao criar sua obra “*Os Sertões*” não conseguira passar a mensagem apenas de forma friamente jornalística, porém ele sendo artista permanece na esfera do sonho, onde suas imagens possuem realidade que lhes é própria, sendo a sua realidade bem diferente da nua e crua das esferas dos fatos puros.

Na obra, percebemos o deslanchar da função estética, surgindo em meio à narrativa, e colocando-se como algo primordial ao narrador, provocada por forças interiores desconhecidas, que move essa alma angustiada e poética, contrária a toda a sua formação científica pelo fato do ocidente ter optado desde muito tempo pela função teórica, e que tem sido causa de funesto desequilíbrio do espírito, porém um homem completo como Euclides da Cunha é levado espontaneamente, a encaminhar-se para a criação estética, e digo mais que ao homem do futuro a atividade estética, após um julgamento lógico, torna-se indispensável à sua vida e a sua alma.

Porque ele é, na verdade uma espécie, de El Greco ou de Alonso Berruguete da prosa brasileira: tira das palavras o máximo de recursos culturais, embora com sacrifícios, mais de uma vez de qualidades, entre os mestres brasileiros seus contemporâneos, de Machado, de Nabuco e da própria Pompéia.” (FREYRE, 1987, p. 25).

A qualidade da narrativa em *Os Sertões* é excepcional e o estilo é impar, sua prosa é ideal para escrever um livro no formato e com as intenções de *Os Sertões* e nenhum outro mais. Quanto ao gênero literário poderíamos classificar como uma grande crônica, um diário de guerra, um tratado histórico, um ensaio antropológico-sociológico, uma peça literária. Na verdade, encontramos nele todos os elementos literários: a lírica, a epopéia e a dramática.

Duas serão as atitudes possíveis do romancista que escolheu a ficção, os caminhos da história: Ponto por ponto fatos conhecidos, sendo a ficção mera servidora duma finalidade que ser aceitável; outra ousada, levá-lo-á a entretecer dados históricos não mais que suficientes num tecido ficcional que manterá predominantemente. Porém, estes dois vastos mundos, o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliável, porém vir a ser harmonizadores na instância narradora. (SARAMAGO, 1990, p.14).

Sendo literatura, a tentativa constante de representar o real, com pontos de vista particulares, nunca uma cópia do que se vivencia ou imaginava, se utilizando da subjetividade da linguagem para demonstrar a experiência do narrador e sua visão literária do real, construindo assim sua narrativa sob um determinado prisma da realidade e dos fatos que cada um observa.

Porque mesmo nessas notas de repórter ele se mostra o escritor que se procura fazer parar figuras nos seus momentos artísticas ou, antes, esculturalmente mais expressivos e também mais dramáticos, para descrevê-los parados e em plena pompa de suas linhas. Que procura fazer parar o próprio sol dos sertões; descreve-lo como parado: reverberando nas rochas expostas, largamente refletido nas chapadas desnudas, sem vegetação, ou absorvido por um solo seco e áspero e lúgubre que as mais tardias honras da noite (FREYRE, 1988, p. 25).

Porém não há como diferenciar a escrita do autor literário ou do autor cientificista, os dois partem de uma experiência ou do autor científico, os dois partem de uma experiência vivenciada ou imaginada, estando sujeito a emoções de suas interpretações e é exatamente isto que vemos em “Os Sertões”, estabelecendo uma comunicação pacífica entre a história e a literatura.

O texto não os anula, ao transfigurá-los, e sendo um resultado, só pode ganhar pelo conhecimento dos fatos é desnecessário para a emoção estética, sem seu estudo não há crítica (...) essencialmente de análise, sempre que pretendemos superar o impressionismo. De outro lado, talvez fosse desnecessário advertir que estamos adotando um conceito amplo de literatura, no qual se albergam desde as quadrinhas improvisadas dum abc nordestino até o Ulisses; a questão do valor é já outra história. Desde o soneto capenga do adolescente sonhador, publicado num jornal acadêmico, até a Divina Comédia, tudo é literatura. Pode o soneto carecer de valor artístico, mas possuirá o atributo literário se satisfizer àquelas condições implícitas ou explícitas nas considerações feitas até o momento. Por isso, parece claro que o nosso modo de entender a literatura só é limitado naquilo em que existe dum texto que seja publicado, datilografado, mimeografado, manuscrito, para ser enquadrado na literatura, o que equivale a pôr de parte tudo quanto, na fala diária, se pode considerar fruto da imaginação literária. (MOISÉS, 1998, p.23).

Já que faz o seu relato de uma forma cheia de marcos de literalidade e essencialidade e não apenas a narrativa como um simples repositório de fatos e eventos ocorridos durante o episódio da guerra de canudos, o texto recebeu influência da realidade do mundo e do ser, que são elementos extras literários, transformados, porém em uma narrativa ficcional, com uma estrutura essencial literária.

2.1 O narrador Euclidiano

O narrador nas obra “os sertões configura”-se como o primeiro grande pensador brasileiro, colocando a obra entre os limites da literatura e da sociologia, nela está explícito os aspectos mais relevantes a respeito da ideologia dominante da sociedade brasileira de então e foi a primeira a fazer uma denuncia contundente contra a miséria e o subdesenvolvimento dos pais, levando a intelectualidade alienada e as classes políticas a saírem do desvanecimento ufanista para a amarga crítica as estruturas do poder do Brasil de então.

De mais do que Euclides, mais do que a paisagem, que transborda dos limites de um livro científico d' Os sertões, tornando-o um livro também de poesia, uma especial daqueles romances de Thomas Hardy em que a paisagem está sempre entre os personagens do drama, uma como mensagem de profeta preocupado, como outrora os hebreus, com o destino de sua gente e com as dores do seu povo (FREYRE, 1988, p.18).

A importância de Euclides da Cunha e de sua obra "Os Sertões" é fundamental para o sertanejo e sua terra, a partir dela a condição sertaneja ganhou uma consistência nova na consciência nacional, o estudo da contradição entre um país pobre e rico ao mesmo tempo, pode hoje dialetizar o que no livro está dito em forma de opostos inconciliáveis: literatura / sertão, branco / mestiço, coragem / timidez, Violência / Apatia, orgulho / obediência. Sendo assim Euclides da Cunha prestou um serviço incalculável ao Brasil e em particular ao povo nordestino sertanejo, ao revelar quem verdadeiramente ele é em sua essência, e ao mesmo tempo denunciou o que ele chama de "crimes da nacionalidade".

O vulto monumental que se levantou de Antônio Conselheiro- não da pessoa do místico, mas do seu tipo de sertanejo isolado da civilização do litoral, de vítima desse isolamento, de monge quase mal – assombrado cercado de beatas, de velhos doentes, de brancos, de negros, de caboclos, de centenas de brasileiros pervertidos pelo mesmo isolamento que ele, de aceta terrível dando às costas as mulheres moças e as paisagens macias do lado do mar _ permanece obra prima da literatura brasileira (FREYRE, 1988, p. 29).



Figura 14 - Imagens publicadas na revista *Manchete* em 24 de julho de 1993.(foto: Sergio de Souza – 1993).

O narrador, a princípio, procura examinar as características do homem sertanejo e o faz a princípio de uma forma preconceituosa, influenciado pelas teorias etnológicas do final do século XIX, com as quais a princípio comungava inteiramente, tendo uma excessiva confiança nas leis sobre os caracteres morais das raças e na crença da superioridade da raça branca e dos prejuízos da mestiçagem, e através de uma análise do sertanejo, chega a desnudar a fragilidade da fantasia teórica do triunfo inevitável da raça branca.

Na obra o autor coloca em cena jagunços sertanejos e o conselheiro isolados no sertão, e faz um estudo da gênese da formação do brasileiro, resultante do cruzamento entre brancos e índios no caso dos sertanejos e em pequena proporção o caldeamento com negros também, como também procurar compreender como aconteceu o povoamento das regiões sertanejas e o papel importantíssimo que teve o rio São Francisco na ocupação dessa região, como também enfatizar as

conseqüências para o sertanejo do isolamento em um meio hostil, com o fenômeno da seca e do isolamento cultural completo em relação ao litoral.



Figura 15 – O Jagunço de Canudos.

(Pintura: Osvaldo Storni, 1953)



Figura 16 – O Sertanejo (Manoel Coló). (Foto:Penha,1983)

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo -- cai é o termo -- de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade há um tempo ridícula e adorável. É o homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa

das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja -- caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas. É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o "campeão" que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência. Mas se uma rês "alevantada" envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, eilo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. Vimo-lo neste steeple-chase bárbaro. Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moiras de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encaixar o garrote desgarrado, porque "por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo"... Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros . . . A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustenta-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira -estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para frente, torso colado no arção "escanchado no rastro" do novilho esquivo: aqui se curvando agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; -- e galopando sempre, através de todos os

obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoadada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia... Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rés dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta' com a aparência triste de um inválido esmorecido (CUNHA, 2003 p:105,106).

Porém após um contato direto com o sertanejo e com o meio em habitava, passa a entendê-lo melhor e a notar nele qualidades excepcionais, qualidades superiores, que a qualquer incidente transforma-se adquirido novas características de agilidade, força muscular e tenacidade. Percebendo que a Euclides interessa o sertanejo como fortaleza, pois a descrição da aparência de preguiça, inerente é, na verdade, o recurso contrastante à natureza forte e defensiva daquele homem interior que se faz forte e potente em um meio hostil e inóspito.

A obra passa a ter uma característica diferente, a partir do momento em que o narrador examina o homem sertanejo, a principio de uma forma preconceituosa e depreciativa, tecendo comentários onde trata da permanente fadiga onde segundo o autor, o sertanejo reflete a preguiça invencível e atonia muscular, em tudo “exalta a importância do processo biológico_ a mistura de raças, como fator decisivo,” Exalta a importância do processo biológico – a mistura de raças _ fator de desvalorização, tais preconceitos foram gerais no Brasil intelectual de 1900 (FREYRE, 1944, p.36).

O passeio que fez, dentro da cidade de Canudos em 29 de setembro de 1897, foi um dos pontos determinantes para a mudança de opinião sobre o sertanejo e sua história que se opera em Os Sertões. Com uma parte já tomada pelas tropas do exército, o arraial, seis dias antes de cair inteiramente, emocionou Euclides. Em sua caderneta, anotou”: “não posso definir a emoção ao entrar no arraial”.16(16) A povoação estranha não ostentava nada que justificasse tamanha resistência e determinação na defesa do seu espaço:” as residências eram furnas escuras sem ar, tendo como única abertura, às vezes, a porta estreita da entrada e coberta pó um teto maciço e impenetrável de argila sobre folhas de iço”; em seus interiores, somente” um banco grande e grosseiro (uma tábua sobre quatro pés não torneados)

, dois ou três banquinhos: redes de crua; dois ou três baús de cedro de três palmos sobre dois”; Não havia ruas, o que Euclides encontrou foi um “Dédalo desesperador de becos estreitíssimos”. 17(17) Além do contato com o “inimigo nacional”, muito contribuíram para a mudança do ponto de vista de Euclides a sua convivência com o Exército, instancia representativa da nação civilizada contra Canudos, cuja prática permitiu-lhe caracterizar como um bando de facínora.”

Sendo assim o olhar de Euclides após um contado mais direto, congrega os aspectos mais verdadeiro e genuíno da identidade brasileira. “Os sertões foram, na verdade, o reino do poeta Euclides da Cunha. Sua Pasárgada, como diria Manuel Bandeira. Antes de Euclides a paisagem brasileira tivera entre os poetas e os romancistas os seus simpatizantes: o maior deles José de Alencar. O autor de “Os Sertões” foi o primeiro caso de verdadeira empatia. Simpatia só, não: empatia. Ele não só acrescentou-se aos sertões como acrescentou os sertões para sempre à sua personalidade e ao “caráter brasileiro”, de que ficou sendo um dos exemplos mais altos e mais vivos. Uma espécie de mártir (FREYRE, 1987, p. 20)

Nesse homem sertanejo de natureza até então desconhecida, Euclides descobriu qualidade morais e físicas que ao Brasil em muito poderia ajudar, descobriu um individuo adaptado às condições adversas das caatingas nordestinas, e é então que ao conhecer esse meio hostil Euclides reconhece qualidades superiores que suplantam em muito os supostos defeitos a ele atribuídos anteriormente, pela visão anterior do autor, carregada de preconceitos, influenciada pelas teorias etnológicas preconceituosas das quais era ardoroso adepto. Euclides passa a apresentar o homem do sertão como raiz étnica e identidade do país, revisando as imagem que tinha antes, de ser o sertanejo um atavismo histórico, um obstáculo à evolução do país, chamando a atenção do país sobre a necessária mudança de olhar sobre este homem Sertanejo.

Sejamos justos_ há algumas coisas de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados, e cada vez mais acredita que a mais bela vitória, foi à conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, a nossa existência política (CUNHA, 2003, p.112).

“*Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporá-los à civilização estes rudes patrícios que _digamos com segurança_ constituem o cerne de nossa nacionalidade*” (CUNHA,2003 p.113), nota-se a partir daí o tom de denunciador de uma ação cruel e injusta, baseada na ignorância sobre o homem sertanejo, e também com propósitos de fazer de Canudos uma espécie de exemplo a todos os que quisessem se opor ao novo regime republicano.

Euclides um militar desiludido e um escritor notável, que conseguiu fazer a respeito da guerra uma interpretação histórico-cultural extremamente complexa, na verdade Canudo se transformou com a obra “Os sertões”, um símbolo de um processo de modernização, através de um choque cultural e político violento, se não fosse isso, Canudos seria apenas mais uma comunidade ou um movimento messiânico massacrado e esquecido para sempre, servindo somente aos propósitos imediatos dos então governos republicanos de servir como mostra de como os inimigos seria tratada por esta nascente forma de governo.

Porém foi deixado claro que em Canudos o governo republicano patrocinou-se um extermínio em massa, e que tal objetivo, já vinha nos planos desde a primeira expedição, apenas o governo e o exercito não contavam com a bravura e a resistência do exemplar povo sertanejo de Canudos, que jamais se rendeu. “*Canudo não se rendeu*”. Fechemos este livro.

Canudo não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados. Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos. Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem... Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos... E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato

singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante - e a quem deve preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa História ? (CUNHA,2003, p.497).

Os prisioneiros:

Chegaram no dia 24 os primeiros prisioneiros. Voltando triunfante, a tropa, que a princípio colhera em caminho meia dúzia de crianças, de quatro a oito anos, por ali dispersas e tolhidas de susto, ao esquadrihar melhor os casebres conquistados encontrara algumas mulheres e alguns lutadores, feridos. Estes últimos eram poucos e vinham em estado deplorável: trôpegos, arrastados, exaustos. Um suspenso pelas axilas entre duas praças, meio desmaiado, tinha, diagonalmente, sobre o peito nu, a desenhar-se num recalque forte, a lâmina do sabre que o abatera. Outro, o velho curiboca desfalecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um desenterrado claudicante. Ferido, havia meses, por estilhaços de granada, no ventre, ali tinha dois furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos. A voz morria-lhe na garganta, num regougo opresso. Não o interrogaram. Posto à sombra de uma barranca continuou na agonia, que o devorava, talvez houvesse três meses. Algumas mulheres fizeram revelações: Vila-Nova seguira, na véspera, para a Várzea da Ema. Sentia-se, já há tempos, fome no arraial, sendo quase todos os mantimentos destinados aos que combatiam; e, revelação mais grave, o Conselheiro não aparecia desde muito. Ainda mais, trancadas todas as saídas, começara para todos, lá dentro, o suplício crescente da sede. Não iam além as informações. Os que as faziam, inteiramente sucumbidos, mal respondiam às perguntas. Um único não refletia na postura abatida as provações que vitimavam os demais. Forte, de estatura meã e entroncada -- espécime sem falhas desses Hércules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulando em juntas nodosas e apontando em apófises rígidas -- era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros acrobatas que se dependuravam ágeis nos dentilhões abalados da igreja nova. Primitivamente branco,

requeimara-se-lhe inteiramente o rosto, mosqueado de sardas. Pendia-lhe à cintura, oscilante, batendo abaixo do joelho, a bainha vazia de uma faca de arrasto. Fora preso em plena refrega. Conseguira derrubar, num arremessão valente, três ou quatro praças; lograria escapar se não caísse, tonto, ferido de esconso por uma bala na órbita esquerda. Entrou, jugulado como uma fera, na tenda do comandante da 1.^a coluna. Ali o largaram. O resfolego precipite argüia o cansaço da luta. Alevantou a cabeça e o olhar singular que lhe saía dos olhos -- um cheio de brilhos, outro cheio de sangue -- assustava. Tartamudeou, desajeitadamente, algumas frases mal percebidas. Tirou o largo chapéu de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se. Era a suprema petulância do bandido! Brutalmente repellido, rolou aos tombos pela outra porta, escorjado sob punhos possantes. Fora, passaram-lhe, sem que protestasse, uma corda de sedenho na garganta. E, levado aos repelões para o flanco direito do acampamento, o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladeavam no seio misterioso da caatinga (CUNHA, 2003, p. 457).



Figura 17 – Os Prisioneiros (Foto:Flávio Barros, 1897).

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa. Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse à presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se

antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma. Exploravam esta superstição ingênua. Prometiam-lhes não raro a esmola de um tiro, à custa de revelações. Raros o faziam. Na maioria emudeciam, estóicos, inquebráveis -- defrontando a perdição eterna. Exigiam-lhes vivas à República. Ou substituíam essa irrisão dolorosa pelo chasquear franco e insultuoso de alusões cruéis, num coro hilar e bruto de facécias pungentes. E degolavam-nos, ou cosiam-nos a pontacos. Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquireiam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumariíssimo e isto, em grande parte, contribuía para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte. E quando, afinal jugulados, eram conduzidos à presença dos chefes militares, iam conformados ao destino deplorável. Revestiam-se de serenidade estranha e uniforme, inexplicável entre lutadores de tão variados matizes, e tão discordes caracteres, mestiços de toda a sorte, variando, díspares, na índole e na cor(...) a degolação era, por isto, infinitamente mais prática, dizia-se nuamente. Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava ainda, a poeira de Moreira César, queimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A repressão tinha dois pólos -- o incêndio e a faca.”(CUNHA, 2003, p.461).

CAPÍTULO III

3. A MÍMESE EM “OS SERTÕES”

A mimese é um termo amplamente utilizado como as mais diversificadas significações, desde os primórdios da civilização grega, a mimese sofreu refutações e reformulações por parte de Aristóteles que herdou de seu mestre Platão.

Para esses filósofos existe uma relação entre diferentes níveis de realidade: o mundo das idéias, realidade verdadeira que abarca em si os “*eidos*”, essências perfeitas e imutáveis de tudo o que constitui o mundo sensível que, conseqüentemente é relativo às sobras desta verdadeira realidade (cópia do mundo inteligível); e finalmente a realidade considerada menos nobre de toda a imitação fruto de atividade artística; imitação da imagem do paradigma eterno das idéias, cópia da cópia distanciada, portanto, do verdadeiro.

“Em vista de qual dos dois fins a pintura é feita em cada caso particular”?

Talvez com o fim de imitar a aparência tal como aparece, sendo imitação ou verdade? “Da aparência, disse ele: Portanto a arte imitativa está longe do verdadeiro e, ao que parece, realiza todas as coisas na medida em que não atinge senão uma pequena parte de cada uma e está somente com uma imagem.” (Platão)

Tal postura adotada por Platão em relação à arte não quer negar a magia e o poder que esta venha a possuir, mas sim o valor que venha possuir por si mesma, de maneira autônoma. Compreender a arte, na concepção desta filosofia requer a percepção de que esta realidade (arte) não é abordada numa esfera e valores autônomos, mas colocada em função da verdade.

Desde os primórdios, os gregos se preocuparam com o conceito de mimese, através de elaborações filosóficas a respeito da arte, no âmbito das atividades humanas. Platão foi o primeiro a atribuir importância a ela na obra *A República*, embora numa conotação negativa, de arte como imitação da aparência, cópia da cópia. Aristóteles por sua vez, resgatou o termo de forma oposta, na medida em que a concebeu não no sentido de cópia da cópia, mas de criação em novos parâmetros (recriação). Dessa forma, a arte adquire autonomia face a verdades pré-estabelecidas.

Na literatura, e isto constatamos em *“Os sertões”*, a mimese é o princípio de tudo, já que é uma imitação da realidade, não sendo mais o caso de nos determos ainda mais nas teorias Aristotélicas, pois já o fizemos no começo deste capítulo, cabe-nos apenas buscarmos o sentido que o filósofo emprega a palavra “mimese” em sua poética, e assim identificarmos em *“Os sertões”* como a mimese se deu.

Existem três possibilidades para buscar um significado para a mimese, estas: o filósofo imita o método de criação divina, imitando o processo do suceder; outra em que a mimese possui um significado vulgar, se reduzindo a reprodução do objeto exterior, ao retratismo; e o último que se refere à expressão por meio da arte, do que o artista tem em sua alma, correspondente à coerência” ou semelhança entre a casa que o artista constrói e a que ele vislumbra em sua mente.

Constatamos em *“Os sertões”* que a arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação de uma supra-realidade, como tão bem vê na narrativa construída por Euclides, com os dados profundo, singulares e pessoais da intuição deste genial artista.

Podemos dizer que a literatura através do processo de mimese, do mesmo modo que as demais artes, filosofias, as religiões e as ciências, é uma forma de conhecimentos ou do universo, e Euclides através de sua observação da terra, do

homem e da luta em *"Os Sertões"* teve a necessidade e que sua emoção transformou em arte literária, através da mimese dos acontecimentos em uma perspectiva de recriar através da arte, com suas impressões contidas em sua alma, construída o que vislumbrava em sua mente, e vemos que Euclides a linguagem poética, é entendida com protótipo da língua estética intuitiva, metafísica e chegou mesmo a ser dramática.



Figura 18 – Vista Geral de Canudos (Foto: Flávio Barros, 1897)

Mesmo com todo o apelo científico que Euclides tentou implantar sua obra, ficou clara a opção, talvez até inconsciente, pela linguagem literária, pois nelas vemos a forma criadora e poética em fazer mimese da realidade, acompanhado de um sabor e uma erudição magnífica.

Sendo assim ninguém poderia confundir a obra *"Os sertões"* onde domina o literário, com um mero trabalho científico, pois nela o conhecimento expresso por palavras é de sentido polivalente, uma ficção com todas as suas características, cheia de imaginação que é a condição primeira de todo o conhecimento que se

expressa por palavra escrita, e aí a individualidade do narrador se evidencia, antes contida na alma, e presente igualmente na sensibilidade e no conhecimento.

Precisamos entender o processo de mimese efetuado pelo narrador de “Os sertões”, através da ficção, como um complexo de elementos conceptuais, sensoriais e afetivos, um todo que difere da soma de suas partes na elaboração da sua genial obra de ficção, onde a imaginação não pode ser entendida apenas no sentido de fantasia desgarrada da realidade, formada de sonhos e devaneios, mas principalmente de uma imaginação transfigurada do real vivido na Guerra de Canudos, na medida em que transforma dados reais, e organiza-os dentro de nova roupagem sob um novo olhar, em resumo dentro de uma nova realidade muito própria e individual, com suas leis e normas do próprio autor com o seu mundo e sentimento estético, ou da sua legítima forma maravilhosa de fazer ficção, tão bem expressa na obra.

Observamos que a mimese da realidade utilizada por Euclides da Cunha em “Os Sertões”, tem pontos em comum com a usada pelos cordelistas, ambos buscam uma versão correta sobre os acontecimentos, para que a partir daí, de uma forma cheia de imaginação e poesia possa recriar a realidade com expressão das massas nordestinas.

Figura 19 – A Casa e o Conselherista (Foto: Flávio Barros, 1997).



Na obra de Euclides, há uma descrição detalhada e até preconceituosa do sertanejo, mas para que pudesse tecer tal visão sobre o homem, Euclides procurou conhecer de modo profundo a terra e entender que o homem sertanejo que se confunde com a terra do sertão, modificando-se conforme as mudanças climáticas que influenciam e determinam a vida nas caatingas nordestinas, tornando-se o sertanejo, então, um forte, escondendo esta fortaleza sob uma aparência frágil, com observamos no trecho a seguir: *“o sertanejo é antes de tudo um forte”. até é o homem permanentemente fatigado.*” (CUNHA, 2003, p. 53).

Vemos em “Os Sertões” comparações esplêndidas feitas pelo autor em relação ao homem sertanejo, usando, figuras da mitologia grega e da literatura clássica “centauro” (CUNHA, 2003, p.54), “Hércules-Quasímodo” (CUNHA, 2003, p.53)”. Em uma alusão ao perfeito herói da mitologia grega e ao corcunda de Notre Dame de Vitor Hugo. O homem e a natureza se fundem, o homem e o animal tornam-se um só quando do contato do vaqueiro com seu cavalo, e como diz Euclides: *“todo sertanejo é vaqueiro”* (CUNHA, 2003, p. 56), daí a irrefutável prova da crença e certeza de Euclides sobre a completa e incontestável adaptação do sertanejo à sua terra, o homem e a sua terra são uma coisa só, numa perfeita conjunção com a natureza.

O Vaqueiro é o retrato mais fiel do homem sertanejo, profundamente adaptado a seu meio a seu meio hostil, que ao mesmo tempo o desafia e o torna mais forte, servindo-lhe de armadura ou couraça, como notamos no trecho a seguir: *“Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes”*. Fez-se homem quase sem ter sido criança. Sateou-o, logo, intercalando agruras nas horas festivas da infância pela face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em um combate sem trégua, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as emergências. *“Fez-se forte, esperto, resignado e prático”* (CUNHA, 2003, p. 55).

Para o sertanejo não há espaços, nem intervalos na vida que lhe permitir usufruir da infância, adolescência, juventude, fase adulta, sua predestinação é a adaptação profunda, o enrugamento com a

sua única amiga e alga, a terra, as caatingas sertanejas, sua fortaleza se faz na aceitação das catástrofes das secas, da fome, das epidemias, nada o apavora todos esses acontecimentos são complementos de sua vida tormentosa alimenta a todo a transe esperanças de uma resistência impossível (CUNHA, 1914, p. 60-61).

A seca e descrita em suas minúcias por Euclides em Os Sertões, é antes sempre precedida por parte dos sertanejos, por uma esperança da sua não realização, apegando-se às suas crendices e à sua primeira esperança desfeita. A expectativa de São José, 19 de março, índice dos dias subsequente: se nas 12 horas, chove, *“será chuvoso o inverno, se ao contrário o sol atravessa abradamente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável”* (CUNHA, 2003, p.61).

Porém para o sertanejo o apego com a seca e uma coisa evidente, a seca massacra, tira tudo do homem exaurindo as suas possibilidades, de sobrevivência, mas para o sertanejo mesmo tendo que deixar sua terra para escapar da morte e em busca de uma vida melhor, mais na primeira chuva, volta sorrindo, para sua terra, como vemos nos versos populares:

E sai da minha terra
Devido à seca que há
Tenho os meus documentos
Seu filho do sertão
Ando aqui nesse inferno,
Mas quando houver inferno,
Eu torno, a voltar para lá. (LIMA, 1977, p. 8).

Parece algo inexpensável, mas para o sertanejo o litoral, onde a água é abundante e onde o verde impera não lhe agrada, para ele não há lugar melhor do que sua terra o seu sertão.



Figura 20 – O Conselheiro e seu Jagunço.

(Pintura: Audifax Rios, 1987).

Muitas vezes ao ler certos trechos da narrativa sobre a luta em “os sertões”, me perguntava se o crime contra a vida não repugna ao sertanejo são os crimes e a morte sem um significado, ou uma razão justa na sua percepção. Mas, os crimes por uma vingança que lhes parece justos, pela hora e pela fé, são tidos como traços de valentia e mesmo de religiosidade, o sertanejo admite o homicídio como sendo um ato ruim, no entanto, acredita que se for por um motivo de defesa da fé da hora e por vingança justa, é um ato até mesmo abençoado.

O conselheiro tanto em “O Homem” de “Os Sertões” quanto nos cordéis populares das feiras nordestinas, é colocado entre duas visões, a princípio há uma crítica do homem santo e que pregava o evangelho, segundo o olhar do povo. Notamos que seu modo de pregar e mesmo as suas idéias religiosas, entram em choque com as idéias e a doutrina evangélica institucional, é, uma religiosidade com noções populares. Com podemos notar nas estrofes do cordel Antônio Conselheiro.

Pregava o evangelho
Cabelo e barba cresceram
E com um bastão na mão
O mundo lhe conheceu
O nome de conselho
Foram Canudos que deu.
Edificando Igrejas
O santo Antônio da Bahia
Com sua turma de jagunço
Veio guerra dia-a-dia
Que a igreja católica
Seu feito não permitia
(SILVA, 1985 p.5).



Figura 21 – Conselheiro, o profeta do sertão.

(Foto: Descartes Gadelha, 1997)

Observa-se que o conselheiro conseguiu ser um pastor e um revolucionário, que conseguiu um grande feito que fosse dominar e dirigir a consciência de um povo, inteiro com seu modo próprio de ver as questões religiosas fundando uma religião mestiça, entrando em contraste com a doutrina oficial da Igreja católica. Em “Os

Sertões” notamos que em determinado tempo o autor, admite que as idéias do conselheiro fossem coerentes em relação ao combate à república, nesta visão ele não leva em conta o aspecto de “louco ou monstro insano”, mas de quem se torna monstro e mesmo insano pelas circunstâncias e pela situação, influenciado por questões políticas e religiosas diante de um meio hostil, tendo que enfrentar as catástrofes noturnas como a seca e a fome, seria o determinismo de Taine o evolucionismo Darwin, que tanto influenciou o discurso de Euclides da Cunha.

Conselheiro se faz monstro para defender o seu povo da terrível ameaça de extermínio, por parte do exército brasileiro patrocinado pelo governo republicano, que desejava fazer de Canudos um exemplo, para quem quisesse enfrentar a república, pois o extermínio foi uma decisão premeditada.

Em “*Os Sertões*” o narrador procura ressaltar todo o misticismo de Antônio Conselheiro, usando de ambigüidade para procurar entendê-lo, notamos tal procura quando, numa passagem ele descreve a morte do conselheiro dentro do templo em ruínas e relatado, logo a seguir, que os seus seguidores o seu profeta não morreram, seguiram em viagem para o céu, e que em breve retornaria, cheio de poderes divinos para destruir as tropas do exército, vemos aí então que Euclides utiliza uma imagem bíblica para demonstrar como os seguidores dos conselheiros encaravam a sua morte, e com acreditavam na sua ressurreição e vitória final, traçando assim um paralelo entre conselheiro e Jesus.

Euclides da Cunha! Esse como um dos profetas das terras desérticas de Canudos, viu Santo Antônio conselheiro morrer do jejum de protesto e dos efeitos de um ferimento de bala. Como visionário e Profeta que era, viu, esticado no chão, o santo e Profeta de todos nós, sertanejos. Teve, aí, uma viração e viu o conselheiro transfigurado e exaltado, rescrito entre milhões de Arcanjos descendo- gládio flamava, coruscando na altura numa revoada. É por tudo isso, (...) que eu digo que Ezequiel e João eram os conselheiros judaicos! É por isso que eu digo que no dia em que chegou o nosso príncipe do cavalo branco, estreado sua grande marcha desafortunada de calamidades, vinha cercado de legiões de Arcanjos e Demônios perigosos; (SUASSUNA, 1976, p.468).



Figura 22 – A volta de Dom Sebastião em seu cavalo branco. (Foto: Trípoli Gaudenzi, 1991).

Na obra os autor usou um discurso literário cheio de diferentes significados, onde encontramos: o emocional, o imaginativo, o ambíguo, o irônico, o paradoxal, o alusivo, o metafórico e etc. visando sempre à intensa comunicação dos acontecimentos de Canudos, usando a mimese para operar esta comunicação. Na obra, encontramos o discurso científico (referencial e instrumental) com toda a clareza e serenidade, porem é tônica em “*Os sertões*” a mimese através de informações estéticas que os permite ampliarem nossas experiências de vida como leitoras, e nos aprofundar-mos em termos de conhecimento a realidade, de um modo que possibilite a liberdade de imaginação, e na obra a leitura se faz de modo ativo e nunca passivo, o texto transporta o leitor com toda a sua carga de emotividade para o cenário da guerra, que embora já tenha ocorrido há um século, pela riqueza da obra se torna atualíssima devido a sua maravilhosa estética e emoção passada pelo narrador, como se os fatos estivessem acontecendo à medida que se aprofunda e se envolve pela leitura.

Na obra, a informação estética exige do leitor uma grande interação com o texto, pois ao colocar a verdade a faz de uma forma cheia de emoção valendo-se da poética, não visando em primeiro momento à crueza dos fatos reais, mas a realidade obtida através do processo de mimese, de uma forma a expressar sentimentos da alma, sendo aí que ela assume suas características de ficção, imagens obtidas através das lentes da alma do artista. A composição feita a partir da mimese artística do real, não a reprodução apenas, mas uma transfiguração literária, como exemplo: “E a tropa adormeceu cedo, em paz... para despertar todos, às 10 da noite, num abalo único”. “Ao invés de um mero “a tropa acordou às dez da noite, assustada”, e vemos que Euclides usa as reticências mostrando o rompimento da expectativa alimentada pelo substantivo anterior; e com a contraposição produtiva entre “adormeceu em paz” e “abalo único”.

Se observarmos em “*Os Sertões*” a estrutura de pensamento e passando para os processos de linguagem, notamos quanto à mediação literária foi importante para a composição da obra, pois o autor organizou a narrativa mediante poucos processos de retórica: em primeiro é a antinomia (paradoxo, contradição entre duas proposições) intensificando o uso de termos e de expressões que pertenciam à tomada do objeto pela palavra. O “gongorismo” verbal atribuído a Euclides deve-se a sua maravilhosa habilidade em agigantar o tamanho, agravar o peso, acertar o ritmo, alongar as distâncias, acentuar as diferenças, exasperar as tensões, radicalizar as tendências e ver as coisas como somente ele poderia ver, de modo destemido e extremo. Abaixo colocamos fragmentos da obra que comprova isto: “volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante numa exaustão imperceptível. Era uma vez aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo a segura extrema dos ares”.

“O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar através de um prisma desmedido intacto... então, ao norte da Canabrava, numa enorme expansão dos planos perturbados via-se um ondular estonteador, estranho palpitar de vagas logínquoas”.

“Desce a noite, sem crepúsculos, de chofre um salto da treva por cima uma franja vermelha do poete e todo esse calor se prende no espaço nona irradiação intensíssima, caindo à temperatura de súbito, numa queda única, assombrosa...”.

“E entrechocadas uma e outras, num desencadeador de tufões violentos, altejam-se, retalhadas de raios, nublando em minutos o firmamento todo, desfazendo-se logo depois em aguaceiros fortes sobre os desertos requestados” “”.

“Atrofiam as raízes mestras batendo contra o sob impenetrável e substituem-nas pela expansão irradiante tubérculos tímidos de seiva”.

“Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bâtegas de chuvas também grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo aguaceiro diluviano...” (CUNHA, 2003, p.69).

“Espancado pelas canículas, fustigado do sóis, roído enxurros, torturado pelos ventos, o vegetal parece derrear-se aos embate desses elementos antagônicos e ocelares daquele modo, invisível, no solo sobre que alevanta apenas os mais altos renovos da fraude majestosa”.

“Aquele criança era de certo modo, um aleijão estupendo.(...) Repontava, bandido feito, À tona da luta, tendo sobre os ambos pequeninos em que se legado formidável de erros. Nove anos de vida adensavam três séculos de barbaria”.

“Além disso nota-se também em Euclides à semântica da percepção exarcebada usando e abusando de superlativos: “situação crudelíssima”, disposição singularíssima”, “graus anormalíssimos”, “formas atraentísimas”, “penosíssimos êxodos”...

Nota-se também o uso da antítese como característica mais saliente do estilo euclidiano, assim compreendemos melhor a função da natureza da hipérbole. Pois o

contraste, quando imediato, torna-se um modo de destacar a expressão de cada um dos objetos aproximados, exemplos: “Os vales secos fazem-se rios”, a secura torna-se mais sensível quando aposta e unida à fluidez das águas, e vice-versa. Os comentários, colocados, colados, avivam-se: “Da extrema aridez à exuberância” extrema; “Os vales nimamente férteis e os estepes mais áridos”, “Barbaramente estéreis”;

maravilhosamente exuberantes”, “..Aqueles núcleos obscuros alguns mais vastos que no fastigio das secas transcorram as horas num intermitir inaturável de dias queimados e noites enregeladas”; Insola-se e congela-se em 24 horas”.

Notamos também que quando Euclides fala sobre os homens usa de maneira forte o processo antinômico, como podemos comprovar no fragmento abaixo: “... o chefe do povo, o astuto João Abade, abrange no olhar dominador a turba genuflexo”, “o velho Macambira, pouco afeiçoado à luta, de coração mole”, segundo o dizer expressivo dos matutos, mas espíritos infernais no gizar tocaias incríveis...”, “vaqueiros rudes e fortes, trocando, como heróis decaídos, a bela armadura de couro pelo uniforme reles de brim americano”; “madonas em parceiradas a fúria ; belos olhos profundos, em cujos negrumes afuzila o desvario místico”; “Batistas truculentos, capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários...”. Toda essa retórica, na verdade, procura transmitir uma impressão de grandeza através da hipérbole, até mesmo do “terrível” que lembra o desafio de lidar com o solo e com o clima. Na verdade a linguagem descrita e narrativa de “Os Sertões” está incerido em uma grandeza e riqueza semântica maravilhosa, a linguagem da denuncia e do protexto que leva a narração de uns Canudos destruída e antes de tudo aviltada, assim o narrador cumpre a função apelativa, onde reinamos sem contraste a impessoalidade do discurso factual, em que aparece sempre a primeira pessoa do plural “nós” empenhado no que dizemos:

Fechando este livro. Canudo não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança,

na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos monumentos. Nem poderíamos fazê-la. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos. Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem... (CUNHA, 1903, p.452).

CAPITULO IV

4. O MESSIANISMO E A FIGURA DO BEATO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Filho do comerciante Antônio Mendes Maciel e de Maria Joaquina de Araújo, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, nasceu em Quixeramobim no dia 13 de Março de 1830, tendo Maria Francisca de Paula Lessa como madrinha na pia batismal.

No dia 7 de janeiro de 1857, casou-se com Brasileira Laurentina de Lima, quase dez anos mais jovem, passando a residir e lecionar na fazenda Tigre, ao vender a casa de comércio e moradia, até hoje existente à Rua Cônego Aureliano Mota, no centro da cidade, para saldar dívidas contraídas por seu pai, então recentemente falecidas. Constatada a insuficiência da transação, passou a ser pressionado pelos credores, iniciando um ciclo de vivência por cidades da zona norte do estado, onde atuou em várias delas como balconista, advogado ex-ofício (rábula) e professor, sendo abandonado pela esposa em tamboril.

Após residir no Crato, retornou a Quixeramobim, onde débitos contraídos com o Comendador José Nogueira do Amorim Garcia o obrigaram a deixar a cidade mais uma vez, sendo citado à revelia como réu de inadimplência e tendo seus bens seqüestrados para o resgate judicial.

Viveu pelos sertões de Pernambuco, Sergipe e Bahia, onde foi preso em 1876 sob a falsa acusação de matricídio e enviado a Quixeramobim sob exequência judicial. Recolocado em liberdade, desapareceu para sempre da cidade, iniciando a partir daí a vida de beato missionário.

Como se faz um monstro

... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos...

É desconhecida a sua existência durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-me algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-o nos sertões de Pernambuco, um ou dois anos depois da partida do Crato. Das palavras desta testemunha, concluí que Antônio Maciel, ainda moço, já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos. Aparecia por aqueles lugares sem destino fixo, errante. Nada referia sobre o passado. Praticava em frases breves e raros monossílabos. Andava sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...

Tornou-se logo alguma coisa de fantástico ou mal-assombrado para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas.

Era natural. Ele surdia - esqualido e macerado - dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas povoadas de duendes...

Passava, buscando outros lugares, deixando absortos os matutos supersticiosos.

Dominava-os, por fim, sem o querer. No seio de uma sociedade primitiva, que pelas qualidades étnicas e influxo das santas missões malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o logo de não vulgar prestígio, agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. A pouco e pouco todo o domínio que, sem cálculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjeturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o

ambiente propício ao germinar do próprio desvario. A sua insânia estava, ali, exteriorizada. Espelhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões. A multidão poupava-lhe o indagar torturante acerca do próprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa introspecção delirante, entre os quais envolve a loucura nos cérebros abalados. Remodelava-o à sua imagem. Criava-o. Ampliava-lhe, desmesuradamente, a vida, lançando-lhe dentro os erros de 2 mil anos. Precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida, e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus...

O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato.

Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

“E cresceu tanto que se projetou na História ...” (CUNHA, 2003, p.478.).

Reapareceram dez anos depois, no interior da Bahia, já a frente de um crescente número de seguidores, pregando o Evangelho por onde passava, construindo ou restaurando igrejas e cemitérios, contestando e arrancando os editais de cobrança dos recém-criados impostos republicanos, atraindo a aversão do clero, a atenção do governo e a perseguição da polícia.

“Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo. Um gnóstico bronco. Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu. Antecedentes de família: os Maciéis. Uma vida bem auspiciada. Primeiros reveses; e a queda. Como se faz um monstro. Peregrinações e martírios. Lendas. As prédicas. Preceitos de montanista. Profecias. Um heresiarca do século II em plena idade moderna. Tentativa de reação legal. Hégira para o sertão.

É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária - Antônio Conselheiro...

A imagem é corretíssima. Da mesma forma que o geólogo, interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações, esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas, posto em função do meio, assombra. É uma diátese e é uma síntese. As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas é, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo. Por isto o infeliz, destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a História como poderia ter ido para o hospício. Porque ele para o historiador não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres diferenciais - vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos numa individualidade.

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. O temperamento mais impressionável apenas fê-lo absorver as crenças ambientes, a princípio numa quase passividade pela própria receptividade mórbida do espírito torturado de reveses, e elas refluíram, depois, mais fortemente, sobre o próprio meio de onde haviam partido, partindo da sua consciência delirante.

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...

Acompanhar a primeira é seguir paralelamente e com mais rapidez a segunda: acompanhá-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos.

Considerando em torno, o falso apóstolo, que o próprio excesso de subjetivismo predispusera à revolta contra a ordem natural, como que observou a fórmula do próprio delírio. Não era um incompreendido. A multidão aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas. Não foi, por isto, além. Não deslizou para a demência. No gravitar contínuo para o mínimo de uma curva, para o completo obscurecimento da razão, o meio reagindo por sua vez amparou-o, corrigindo-o, fazendo-o estabelecer encadeamento nunca destruído nas mais exageradas concepções, certa ordem no próprio desvario, coerência indestrutível em. Todos os atos e disciplina rara em todas as paixões, de sorte que ao atravessar, largos anos, nas práticas ascéticas, o sertão alvorotado, tinha na atitude, na palavra e no gesto, a tranqüilidade, a altitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo.

Doente grave, só lhe pode ser aplicado o conceito da paranóia, de Tanzi e Riva. Em seu desvio ideativo vibrou sempre, a bem dizer exclusiva, a nota étnica. Foi um documento raro de atavismo.

A constituição mórbida levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas, e alterando-lhe as relações com o mundo exterior, traduz-se fundamentalmente como uma regressão ao estádio mental dos tipos ancestrais da espécie.

Um gnóstico bronco

Evitada a intrusão dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal, marcando logicamente certo nível da mentalidade humana, recuando no tempo, fixando uma fase remota da evolução. O que o primeiro caracterizaria como caso franco de delírio sistematizado, na fase persecutória ou de grandezas, o segundo indicaria como fenômeno de incompatibilidade com as exigências

superiores da civilização - um anacronismo palmar, a revivescência de atributos psíquicos remotíssimos. Os traços mais típicos do seu misticismo estranho, mas naturalíssimo para nós, já foram, dentro de nossa era, aspectos religiosos vulgares. Deixando mesmo de lado o influxo das raças inferiores, vimo-los há pouco, de relance, em período angustioso da vida portuguesa.

Poderíamos apontá-los em cenário mais amplo. Bastava que volvêssemos aos primeiros dias da Igreja, quando o gnosticismo universal se erigia como transição obrigatória entre o paganismo e o cristianismo, na última fase do mundo romano em que, precedendo o assalto dos bárbaros, a literatura latina do ocidente declinou, de súbito, mal substituída pelos sofistas e letrados tacanhos de Bizâncio.

Com efeito, os montanistas da Frigia, os adamitas infames, os ofiolatras, os maniqueus bifrontes entre o ideal cristão emergente e o budismo antigo, os discípulos de Markos, os encratitas abstinente e macerados de flagícios, todas as seitas em que se fracionava a religião nascente, com os seus doutores histéricos e exegeses hiperbólicas, forneceria hoje casos repugnantes de insânia. E foram normais. Acolchetaram-se bem a todas as tendências da época em que as extravagâncias de Alexandre Abnótico abalavam a Roma de Marco Aurélio, com as suas procissões fantásticas, os seus mistérios e os seus sacrifícios tremendos de leões lançados vivos ao Danúbio, com solenidades imponentes presididas pelo imperador filósofo...

A história repete-se.

Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco.

Veremos mais longe a exaçaõ do símile.

Grande homem pelo avesso

Paranóico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é,

certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou - incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde - no meio em que agiu.

Ao contrário, este o fortaleceu. Era o profeta, o emissário das alturas, transfigurado por lapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. Era um servo jungido à tarefa dura; e lá se foi, caminho dos sertões bravios, largo tempo, arrastando a carcaça claudicante, arrebatado por aquela idéia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível.

A sua frágil consciência oscilava em torno dessa posição média, expressa pela linha ideal que Maudsley lamenta não se poder traçar entre o bom senso e a insânia.

Parou aí indefinidamente, nas fronteiras oscilantes da loucura, nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões tacanhos, e se acotovelam gênios e degenerados. Não a transpôs. Recalcado pela disciplina vigorosa de uma sociedade culta, a sua nevrose explodiria na revolta, o seu misticismo comprimido esmagaria a razão. Ali, vibrando a primeira uníssonos com o sentimento ambiente, difundido o segundo pelas almas todas que em torno se congregavam, se normalizaram.

Representante natural do meio em que nasceu

O fator sociológico, que cultivara a psicose mística do indivíduo, limitou-a sem a comprimir, numa harmonia salvadora. De sorte que o espírito predisposto para a rebeldia franca contra a ordem natural cedeu à única reação de que era passível.

“Cristalizou num ambiente propício de erros e superstições comuns.”(CUNHA, 2003, p.522).-



Figura 23 – Bateria do Perigo. (Foto: Flávio Barros, 1897)

Após derrotar um contingente da polícia baiana, refugiaram-se com seus adeptos na fazenda Canudos, onde fundou, em 1893, a povoação de Belo Monte (dirigida nos moldes do socialismo didático de Trotsky), resistindo, nos quatro anos seguintes, a três grandes expedições do exército.

Na quarta e última investida, ocorrida em 5 de outubro de 1897 (quando, inclusive, já havia morrido) foram destruídas as 5.200 casas do arraial em que chegara a abrigar 25.000 seguidores, sendo desenterrado o seu corpo para decapitação, cena última desse dramático capítulo da história brasileira, descrita por Euclides da Cunha em sua clássica obra literária “*Os Sertões*”.

O fenômeno sócio-cultural do messianismo normalmente ocorre em momentos de graves problemas políticos, ameaças de invasões, calamidades e catástrofes da natureza, ou na previsão de uma eminência de tais fatos extremos ocorrem. Sempre tem o fanatismo e a ignorância como suas bases mais profundas, refletindo um desespero e um temor em alto grau em níveis crescentes e mesmo insuportáveis,

acompanhado de uma crença nas proximidades do juízo final e da necessidade da chegada e da intervenção de um enviado de Deus, de uns salvados, um Messias, para salvar, aquele povo do eminente perigo de morte e acima de tudo, de uma condenação eterna na pós-vida.

Tal idéia de um ungido, de um salvador de um “Messias” enviado por Deus para fazer triunfar o bem sobre o mal, ou mesmo para corrigir as imperfeições e as obras do mau que se manifestam no mundo, segundo a óptica dessas comunidades muitas vezes impregnadas por ideais de uma cultura religiosa baseada no fanatismo e na interpretação dos fatos da vida e da história sempre sobre um prisma religioso, com uma alta dose de fanatismo instigado por uma visão fatalista dos fatos da história. Nestes surgem estes líderes que normalmente não são pessoas com características comuns aos demais membros daquele agrupamento humano, mas são pessoas que revelam qualidades pessoais extraordinárias, manifestadas através de faculdades mágicas e aparência extraordinária, totalmente fora do comum, que lhe outorga uma autoridade e um carisma que os levam naturalmente nestes momentos de crises da história, através de um carisma próprio, a liderança e ao completo domínio dessas massas humanas, perturbadas e carentes de um rumo e de quem as conduza em tais situações extremas.

Se consultarmos a história da civilização humana encontraremos o referencial mais remoto a respeito do messianismo, no Bíblia numa passagem de Isaías: “o povo que andava nas trevas viu uma grande luz brilhou para as que habitavam o país tenebroso. Multiplicaste o povo, aumentaste o teu prazer. Vão alegrar-se diante de ti, como na alegria da colheita, com no prazer dos que repartem despojos de guerra. Porque como no dia de Madjiã, quebraste a carga de duas cargas, e a Vera que batia em suas costas e o bastão do capataz de trabalhos forçados. Porque toda a bota que pisa com barulho e toda capa empanada de sangue serão queimadas, devoradas pelas chamas. “Por que nasce para nós” um menino, um filho foi dado: sobre seu ombro está o manto real, e eles se chamam “Conselheiro maravilhoso”

“... Grande será o seu domínio, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e seu

reino firmado e reforçado com direito e a justiça, desde agora e sempre o zelo de Javé dos exércitos é que realizará isso”.(ISAÍAS, 9;2;6).

Tais visões messiânicas sempre vêm acompanhadas de interpretações de passagens do Apocalipse de São João, com seus relatos da volta de Jesus, como o vingador e o justo juiz do povo humilhado, para formar um novo exército de justos e santos, no triunfo final.

...parecia um filho de homem, vestindo uma longa túnica; no peito, um cinto de ouro; nos cabelos brancos como lã, como neve; os olhos pareciam uma chama de fogo; os pés eram como bronze de forno, cor de brasa; a voz era como um estouro de água torrencial; na mão tinha sete estrelas; de sua boca saía uma espada afiada, de dois cortes; seu rosto era um sol brilhante ao meio-dia. Não tinha medo eu sou o Primeiro e o Ultimo. Seu opinante . Estive morto, mas estou vivo para sempre. Tenho as chaves da morte e da morada dos mortos. (Apocalipse, 1).

Sendo assim na última do século XIX, surge a figura do pregador e peregrino Antônio Vicente Maciel, o conselheiro, que andava pelas regiões assoladas pela seca no nordeste brasileiro, erguendo capelas cuidando de cemitérios “os campos santos” como ele chamava, e sempre tais obras eram feitas em conjunto com o povo humilde dos sertões que se impressionavam com sua pregação baseada na sua doutrina sobre “os mistérios de Maria”, os “Dez mandamentos da lei de Deus”, trechos selecionados dos evangelhos bíblicos, dos apóstolos do novo testamento, além de vários outros assuntos esparsos, acerca de símbolos, ritmos e sacramentos católicos sobre a cruz, a missa, confissão e os feitos de Jesus, além disso fazia previsões sobre o fim do mundo, baseados em textos escritos do Apocalipse, e citava também as profecias de Isaias e outros profetas, tratando também sobre a república que via como um regime usurpador do direito divino dos reis, raiz de sua discordância em relação ao regime republicano, que no entanto a igreja católica oficial já havia abolido, tal direito divino dos reis.

Quanto ao conteúdo dos ensinamentos do conselheiro, destacamos as suas admoestações a respeito dos preconceitos morais, religiosos, expando sobre o

surgimento do catolicismo, sobre o sacrifício de cristo para a remissão dos pecados e a importância da obediência aos “Mandamentos da lei de Deus”, com fortes restrições ao judaísmo por não aceitar os preceitos cristãos, também fazia uma dura crítica que se moviam contra os preceitos da igreja, pela incredulidade, como as maçons, os judeus, protestantes e republicanos, acusando os últimos de perseguirem as religiões do Bom Jesus. Em razão disso, reafirma a importância da igreja católica apostólica romana como única forma de congregação: “Portanto a igreja é a congregação de fieis que, por dever indeclinável, devem curvar-se reverentemente diante de Deus, rendo-lhe as devidas adorações, invocando o seu nome com amorosa confiança, tendo por certo que Deus lhe será propício”.

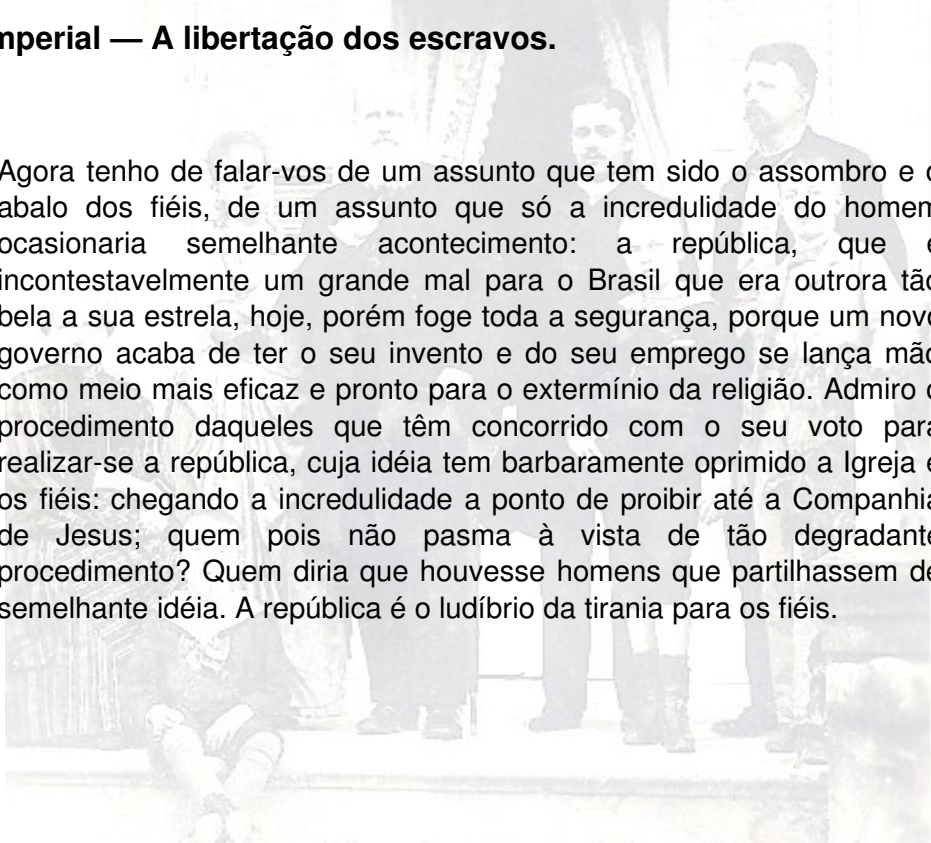


Figura 24 – Manoel Ernesto dos Santos, o "Manoelzão" sobre as ruínas do cruzeiro da Igreja Nova, tendo ao fundo a cidade. (Foto: Alfredo Vila-Flor - 1964)

Os textos encontrados em Canudos, após o final da guerra por, João de Souza Ponde, médico que participou da campanha como cirurgião da última e vencedora expedição militar e autêntica é do próprio punho de Antônio Conselheiro, segundo constatou Ataliba Nogueira.

Os textos são de um nível relativamente bom com uma organização de uma seqüência lógica de assuntos, e do ponto de vista gramatical é bem estruturado e em seu conteúdo religioso não se nota qualquer aberração sendo bem equilibrado e bastante próximo à linha dos textos bíblicos. Não podemos deixar de constatar, porém, que alguns fundamentos de sua pregação estavam desatualizados com relação às atualizações da doutrina da igreja de então, se prendendo a velhos preceitos católicos já abolidos pela própria igreja católica. Porém não há razões lógicas para considerar os textos e a pregação do conselheiro como sendo um “misticismo doente”, ou qualquer forma de “loucura coletiva”.

Ensinamentos do conselheiro sobre: A companhia de Jesus — O casamento civil — A família Imperial — A libertação dos escravos.



Agora tenho de falar-vos de um assunto que tem sido o assombro e o abalo dos fiéis, de um assunto que só a incredulidade do homem ocasionaria semelhante acontecimento: a república, que é incontestavelmente um grande mal para o Brasil que era outrora tão bela a sua estrela, hoje, porém foge toda a segurança, porque um novo governo acaba de ter o seu invento e do seu emprego se lança mão como meio mais eficaz e pronto para o extermínio da religião. Admiro o procedimento daqueles que têm concorrido com o seu voto para realizar-se a república, cuja idéia tem barbaramente oprimido a Igreja e os fiéis: chegando a incredulidade a ponto de proibir até a Companhia de Jesus; quem pois não pasma à vista de tão degradante procedimento? Quem diria que houvesse homens que partilhassem de semelhante idéia. A república é o ludíbrio da tirania para os fiéis.

Não se pode qualificar o procedimento daqueles que têm concorrido para que a república produza tão horroroso efeito!! Homens que olham por um prisma, quando deviam impugnar generosamente a República, dando assim brilhante prova de religião. Demonstrado, como se acha que a república quer acabar com a religião, esta obra-prima de Deus que há dezenove séculos existe e há de permanecer até o fim do mundo; porque Deus protege a sua obra: ela tem atravessado no meio das perseguições; mas sempre triunfando da impiedade. Por mais ignorante que seja o homem, conhece que é impotente o poder humano para acabar com a obra de Deus. Considerem, portanto, estas verdades que devem convencer àquele que concebeu a idéia da república, que é impotente o poder humano para acabar com a religião. O presidente da república, porém, movido pela incredulidade que tem atraído sobre ele toda sorte de ilusões, entende que pode governar o Brasil como se fora um monarca legitimamente constituído por Deus; tanta injustiça os católicos contemplam amargurados. *Oh! Homem incrédulo, quanto pesa a tua incredulidade diante de Deus! E, para fazê-la mais patente vejam o que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat, cap. 16, v. 16.).*

O que crê e for batizado será salvo, o que porém não crê será condenado. Parece-me que há homens que olham indiferentemente estas verdades; tirem o véu dos olhos, penetrando-se do profundo arrependimento de terdes concorrido para consumir a obra da iniquidade, que alguém deseja levar a efeito sobre o título república. Todo poder legítimo é emanção da Onipotência eterna de Deus e está sujeito a uma regra, divina, tanto na ordem temporal como na espiritual, de sorte que, obedecendo ao pontífice, ao príncipe, ao pai, a quem é realmente ministro de Deus para o bem, a Deus só obedecemos. Feliz aquele que compreende esta celestial doutrina, livre da escravidão do erro e das paixões, dócil à voz de Deus e da consciência, goza da verdadeira liberdade de Deus. É evidente que a república permanece sobre um princípio falso e dele não se pode tirar consequência legítima: sustentar o contrário seria absurdo, espantoso e singularíssimo; porque, ainda que ela trouxesse o bem para o país, por si é má, porque vai de encontro à vontade de Deus, com manifesta ofensa de sua divina lei. Como podem conciliar-se a lei divina e as humanas, tirando o direito de quem têm para dar a quem não tem? Quem não sabe que o digno príncipe o senhor dom Pedro III tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil? Quem não sabe que o seu digno avô o senhor dom Pedro II, de saudosa memória, não obstante ter sido vítima de uma traição a ponto de ser lançado fora do seu governo, recebendo tão pesado golpe, que prevalece o seu direito e, conseqüentemente, só sua real família tem poder para governar o Brasil? Negar estas verdades seria o mesmo que dizer que a aurora não veio descobrir um novo dia. O sossego de um povo consiste em fazer a vontade de Deus e para obter-se a sua glória é indispensável que se faça a sua divina.Vontade. Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat., cap. 7, v. 21). Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas sim o que faz a vontade de meu pai que está nos céus; esse entrará no reino dos céus. Nosso Senhor Jesus Cristo deixou-nos o exemplo desta verdade,

quando o anjo apresentou o cálice, no fundo do qual estava a sua morte; Ele dirigiu esta oração: meu Pai se é possível, passe de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas sim a tua (Mat., cap. 26, v. 39). Entretanto, Ele era inocente, não tinha necessidade de sofrer ultrajes no seu maior grau, como diz santo Tomás, e uma morte a mais amarga e dolorosa que podia dar-se aos homens, pois que o Salvador morreu na cruz sem o menor alívio, como diz são Lourenço Justiniano. É necessário que se sofra para obter a verdadeira felicidade que é a glória de Deus. É necessário que se sustente a fé da sua Igreja. É necessário enfim que se faça a sua divina vontade, combatendo o demônio que quer acabar com a fé da Igreja. A religião santifica tudo e não destrói cousa alguma, exceto o pecado. Daqui se vê que o casamento civil ocasiona a nulidade do casamento, conforme manda a santa madre Igreja de Roma, contra a disposição mais clara do seu ensino (sempre benigna, sempre caridosa e sábia no seu ensino) vêm os homens ao conhecimento de toda a verdade para melhor se aproveitarem no serviço de Deus. Persuadido que a unção que respira neste ensino, e ser ele ditado e ensinado pelo fundador da Igreja, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeira lei da sabedoria, fonte de toda a santidade e perfeição, o que tudo fez para a salvação dos homens. Quando Deus autorizou com a sua presença o primeiro estado que houve de casado no mundo, foi para nos mostrar as grandes excelências e perfeição que nele se encerram e as obrigações que os casados têm de viver conforme os preceitos divinos unindo-se ambos numa só vontade, fundando-se nela mui diversas e copiosas virtudes, mostrando-se mui agradecido a um Senhor que tanto os honrou com a sua presença e tanto os alimenta e favorece com a sua Providência e misericórdia. Porque é o casamento (como todos sabem) um contrato de duas vontades ligadas com o amor que Deus lhes comunica, justificados com a graça que lhes deu Nosso Senhor Jesus Cristo e autorizada com a cerimônia que lhes juntou a santa madre Igreja, que este é o efeito de um verdadeiro desposório: unir duas almas em um corpo: porém importam obrigações dos preceitos divinos, que devem guardar em primeiro lugar e muito à risca: todos os casados têm obrigação de viver perfeitamente no seu estado, sem embargo de qualquer encargo ou desgosto. Em razão dos respeitos humanos, são necessárias muitas circunstancias para se guardar este perfeito estado, tanto para segurança da honra e descanso da vida. Estas verdades demonstram que o casamento é puramente da competência da santa Igreja, que só seus ministros têm poder para celebrá-lo; não pode portanto o poder temporal de forma alguma intervir neste casamento, cujo matrimônio na lei da graça Nosso Senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento, figurando nele a sua união com a santa Igreja, como diz são Paulo. Assim, pois, é prudente e justo que os pais de família não obedeçam à lei do casamento civil, evitando a gravíssima ofensa em matéria religiosa que toca diretamente a consciência e a alma. Quem não se comove, quem não sente estremecer-se, ouvindo esta verdade? O pai de família, porém, que tem obedecido à lei do casamento civil, se não nota esta comoção bem própria da natureza humana: nesse coração não entra a ternura nem a compaixão. Considerem a gravíssima ofensa que tendes para com Deus, se

obedeceres a semelhante lei. Como pode dominar em vós a fé tão preciosa diante de Deus, se obedeceres a semelhante lei? Como pode conciliar-se o afeto que deveis às vossas filhas, entregando-as ao pecado proveniente de tal lei? Plenamente certo de que, se cometerdes tal procedimento, tendes negado a fé: que peso enorme não deveis sentir na vossa consciência e alma como jóia preciosa diante de Deus? Para que a ternura desta verdade domine no vosso coração é preciso sustentar a fé. O casamento civil é incontestavelmente nulo, ocasiona o pecado do escândalo, que segundo diz o Evangelho Deus não usará de sua misericórdia quando dá ocasião ao escândalo.

Nosso Senhor Jesus Cristo, falando de semelhante procedimento, lamentou a sorte daquele que comete escândalo, dizendo: Ai daquele por quem vem o escândalo; melhor fora ser lançado com uma pedra ao pescoço no fundo do mar do que dar ocasião ao escândalo. Bem podem avaliar quanto pesa diante de Deus aquele que comete tão abominável procedimento. Sem afeição legítima e natural que devem ter a vossas famílias, chama a vossa atenção nesta quadra que vamos atravessando, que a corrupção vai invadindo, terrível efeito que produz a incredulidade.

Nessa crise que mais se aumentam as vossas obrigações como guardas de vossas famílias; como se neste momento houvesse uma voz dizendo: sustentai ó pai de família a moralidade de vossas famílias. Figurei esta comparação como incentivo para maior luz e inteligência do fiel desempenho dos vossos deveres para com vossas famílias, sem embargo de qualquer sofrimento.

São Paulo escrevia que Jesus Cristo quis morrer consumido de dores para obter o paraíso a todos os pecadores arrependidos e resolutos a corrigir-se. Pelo que, acrescenta o Apóstolo: Vamos com coragem combater os nossos inimigos com os olhos fixos em Jesus Cristo, que pelos merecimentos da sua paixão nos oferece a vitória e a coroa. Quem à vista destas verdades será tão falto de fé que não sinta penetrar-se de júbilo para sustentá-la ainda que sofra os maiores trabalhos? Onde está a vossa fé? Não tendes paciência para esperar a promessa que o adorável Jesus faz a São Pedro, dizendo: tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mat., cap. 16, v. 18).

Afirmo-vos, penetrado da mais íntima certeza, que o Senhor Jesus é Todo-Poderoso e fiel para cumprir a sua promessa é um erro de aquele que diz que a família real não há de governar mais o Brasil: se este mundo fosse absoluto. Devia-se crer na vossa opinião; mas não há nada de absoluto neste mundo, porque tudo está sujeito à santíssima Providência de Deus, que dissipa o plano dos homens e confunde do modo que quer, sem mover-se do seu trono. A república há de cair por terra para confusão daquele que concebeu tão horrorosa idéia. Convençam-se, republicanos, que não hão de triunfar porque a sua causa é filha da incredulidade, que a cada movimento, a cada passo está sujeita a sofrer o castigo de tão horroroso procedimento. Para

prova destas verdades vejam o que sucedeu aos habitantes de Jerusalém, que fecharam os olhos e nem conheceram o que lhes havia de suceder movidos pela incredulidade, não obstante serem advertidos por Nosso Senhor Jesus Cristo que, olhando para aquela cidade, chorou a destruição dela e desgraça do seu povo, dizendo—Ah! Se ao menos neste dia que agora te foi dado conhecesses o que te pode trazer a paz, mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos (Luc., cap. 19, v. 42). Dá a Deus o que é de Deus, dá a César o que é de César. Mas este sublime sentimento não domina no coração do presidente da república, que a seu talante quer governar o Brasil, praticando tão clamorosa injustiça, ferindo assim o direito mais claro, mais palpável da família real, legitimamente constituída para governar o Brasil. Creio, nutro a esperança que mais cedo ou mais tarde há de triunfar o seu direito, porque Deus fará devida Justiça, e nessa ocasião virá à paz para aqueles que generosamente tem impugnado a República. É preciso, — porém, que não deixe no silêncio a origem do ódio que tendes à família real, porque sua alteza a senhora Dona Isabel libertou a escravidão, que não fez mais do que cumprir a ordem do céu; porque era chegado o tempo marcado por Deus para libertar esse povo de semelhante estado, o mais degradante a que podia ver reduzido o ente humano; a força moral (que — tanto a orna) com que ela procedeu à satisfação da vontade divina constitui a confiança que tem em Deus para libertar esse povo, não era motivo suficiente para soar o brado da indignação que arrancou o ódio da maior parte daqueles a quem esse povo estava sujeito.

Mas os homens não penetram a inspiração divina que moveu o coração da digna e virtuosa princesa para dar semelhante passo; não obstante ela dispor do seu poder, todavia era de supor que meditaria, antes de o pôr em assim que na noite que tinha de assinar o decreto da liberdade, um dos ministros lhe disse:

Sua Alteza assina o decreto da liberdade, olhe a república como uma ameaça; ao que ela não liga a mínima importância. Assinando o decreto com aquela disposição que tanto a caracteriza. A sua disposição, porém, e prova que atesta do mundo mais significativo que era vontade de Deus que libertasse esse povo. Os homens ficaram assombrados com tão belo acontecimento. Porque Já sentiam o braço que sustentava o seu trabalho, donde formavam o seu tesouro, correspondendo com ingratidão e insensibilidade ao trabalho que desse povo recebiam. Quantos morriam debaixo dos açoites por algumas faltas que cometiam; alguns quase nus, oprimidos da fome e de pesado trabalho. E que direi eu daqueles que não levavam com paciência tanta crueldade e no furor ou excesso de sua infeliz estrela se matavam? Chegou enfim o dia em que Deus tinha de pôr termo a tanta crueldade, movido de compaixão a favor de seu povo e ordena para que se liberte de tão penosa escravidão. (NOGUEIRA, p. 186 75/181).

As pregações religiosas e os conselhos sobre, moral e observância dos valores católicos tradicionais, na verdade uma forma alternativa e popular bem sertaneja de

ver a religião, a sociedade, a moral e os valores transcendentais da religiosidade, diante das condições e carências extremas em um universo sociocultural e político do mundo sertanejo.

A não aceitação da república e mesmo o combate desta nova forma de governo, por parte do conselheiro e dos seus seguidores se deu por uma questão de princípio sustentada pela certeza da veracidade do dogma religioso do direito divino do rei em governar e em função disso achava a república, a filha da incredulidade, defendendo o direito da familiar real de governar, além da crítica com relação aos casamentos civis instituídos pela república, exalta também a abolição da escravatura com um feito magnífico por parte da Princesa Isabel em obediência a vontade divina.

Euclides considerou as prédicas do conselheiro com o extravasamento de sua doença mental, com um verdadeiro atestado da sua insanidade e loucura. O conselheiro é visto por ele com um “bárbaro”, “trunesco”, “pavoroso”, “bufão arrebatador”, um “heresirca”.

“Para Euclides as predicas são “truncadas”, “alias trusas, desconexas”, “preconceitos vulgares”, uma “insônia formidável, de umamente doentia de delirante, provam de um estado de atraso cultural dos sertanejos em sua religiosidade mestiça, e o conselheiro é visto como um “desnortado apóstolo” em “missão perversa” que *“reunia no mestiço doentio todos os erros e superstições de uma gente mestiça e atrasado guiadas por um “gnóstico bronco”* (CUNHA, 2003, p. 183).

(...) *“Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercidas na vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante”* (CUNHA, 2003. p.113).

4.1 O FENÔMENO DO SEBASTIANISMO EM CANUDOS

Nota-se nos acontecimentos de Canudos e em suas causas anteriores, um fenômeno místico-secular que ocorreu em Portugal na segunda metade do século XVI, como consequência do desaparecimento do rei D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, trazendo sérias consequências à perda do trono português que caiu em mãos espanholas passando para as mãos do rei espanhol Felipe II. Acima falamos em desaparecimento, com o objetivo de ficarmos em consonância com a visão do povo português que achava que D. Sebastião não havia morrido, mas se encantado e que em dado momento retornaria triunfantemente, colocando Portugal nos rumos de grandeza entre os povos, apesar do corpo do rei ter sido removido para Belém, o povo nunca aceitou o fato, e aí então a lenda do retorno de D. Sebastião divulgou-se em Portugal e pelo Brasil, e onde quer que exista um português desce com a subjugação de Portugal à coroa espanhola.

“O isolamento do sertanejo o mantém preso a valores arcaicos como o messianismo, sobretudo em sua feição sebastianista”. A “tutela do sobrenatural” rege a vida cotidiana e as vicissitudes do meio intensificam a religiosidade e a consciência mágica do mundo. Um mundo de profetas, de iluminados, de místicos que, nas cidades da Costa, seria considerado louco, mas que ali, naquela civilização imobilizada na História, eram os líderes naturais, expressando os valores da comunidade. “A sua biografia – escreve Euclides a respeito de Antonio Conselheiro – compendia e resume a existência da sociedade sertaneja”. O chefe dos fanáticos é um personagem-síntese:

Sebastianista: Após a morte de D. Sebastião, rei de Portugal, em 1578, surgiu entre os portugueses um movimento messiânico que acreditava no retorno do rei para comandá-los e levá-los de volta ao caminho das glórias.

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercidas na indisciplina da vida sertaneja se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. “Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação que surgiu”. (Ziller, Bertold, Revista Humboldt, n 72, Internationd, Bonn ano, pág. 26).

Todas as manifestações de um misticismo exacerbado que observamos em canudos, foi o elemento mais importante para o surgimento da insurreição liderada pelo Beato conselheiro, pois tal fanatismo agiu como elemento ativo e passivo de toda a agitação registrada no antes e no durante a guerra, sendo o temperamento impressionável e cheio de superstições do sertanejo, o que proporcionou o desenvolvimento deste movimento único e cheio de particularidades.

A importância de Antônio Conselheiro como líder e fomentador da idéia ante-republicana e religiosa o colocam como o protagonista dos fatos reais e da ficção de Euclides da Cunha em “Os Sertões”, pois noturnos a mudança do modo de Euclides ver a pessoa do conselheiro, que passa de mostro e louco para um líder de um povo sofrido e abandonado há trezentos anos no sertão.



Figura 25 – O Messias do sertão. (Foto: Gabriel Arcanjo, 1943)

(...) *Viu a República com maus olhos e pregou coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição combatente inteiramente nova.* (CUNHA, 1914 p.111).

Vemos em Os Sertões que Euclides admira a grande importância do conselheiro da tentativa de construir uma comunidade de pessoas de pensamento livre e independente da política e orientações da nascente governo republicano, com sonho de justiça e de um modo alternativo de viver em comunidade, em uma profunda adaptação ao meio hostil do sertão nordestino.

Em suas pregações o conselheiro demonstra uma grande lucidez com relação a sua ideologia religiosa e também quanto aos conselhos que tão ardorosamente passava ao seu amado povo de Canudos. Notamos um vivo sentimento do mais puro afeto, mesmo quando usava de rigidez na cobrança do cumprimento dos preceitos religiosos e morais, um sentimento de paternidade com relação ao seu povo rude simples e crédulo.

Na despedida ele exorta ao seu povo a permanecerem firmes nos propósitos da santa religião e na observância dos mandamentos da lei de Deus, como também exorta seus seguidores a não se rederem a “lei do cão”, e aos caprichos da “maldita republica”, pois era com essas palavras que ele se referia a recém implantada republica, que de forma nunca vista na história brasileira, procurou exterminar a todos os membros da comunidade de Canudos.

Notamos o tamanho e o alcance que tinha as palavras do Conselheiro dentro das almas daquela gente humilde do sertão, tão abandonados há três séculos pela

sociedade dos homens do litoral, pelos governos tanto da época colonial, quanto pelo primeiro e pelo segundo império e pela nascente republica, que os tratou com muito mais rudeza que os seus precursores, procurando vergonhosamente exterminá-los completamente, para cumprirem os seus propósitos de demonstrar força e brutalidade aos adversários, para assim obterem uma efetiva consolidação da republica. As palavras do Beato Antônio Conselheiro eram para seus seguidores como flechas lançadas a um alvo certo, que uma vez pronunciadas, jamais deixavam de chegar ao seu destino e atingindo a finalidade para qual eram pronunciadas, obedecidas até mesmo com o sacrifício da própria vida se preciso fosse e como também se provou, quando na guerra ninguém jamais se rendeu, todos seguiram o seu santo conselheiro até a morte e a glória futura prometida nos céus.



26 – O Corpo de Antônio Conselheiro. (Foto: Flávio Barros, 1897)

Morte de Conselheiro

Explicou então que aquele, agravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada atingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuário, morrera a 22 de setembro, de uma disenteria,, uma "caminheira" - expressão horrendamente cômica que pôs repentinamente um burburinho de risos irreprimidos naquele lance doloroso e grave. O Beato não os percebeu. Fingiu, talvez, não os perceber. Quedou imóvel, face impenetrável e tranqüila, de frecha sobre o general, olhar a um tempo humilde e firme. O diálogo prosseguiu:

- E os homens não estão dispostos a se entregarem ?

- Batalhei com uma porção deles para virem e não vieram porque há um bando lá que não querem. São de muita opinião. Mas não agüentam mais. Quase tudo mete a cabeça no chão de necessidade. Quase tudo está seco de sede...

- E não podes trazê-los ?

- Posso não. Eles estavam em tempo de me atirar quando saí...

- Já viu quanta gente aí está, toda bem armada e bem disposta ?

- Eu fiquei espantado !

A resposta foi sincera, ou admiravelmente calculada. O rosto do altaneiro desmanchou-se numa expressão incisiva e rápida, de espanto.

- Pois bem. A sua gente não pode resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garanto-lhes a vida. Serão entregues ao governo da República. E diga-lhes que o governo da República é bom para todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições; não aceito a mais pequena condição... O Beatinho, porém, recusava-se, obstinado, à missão. Temia os próprios companheiros. Apresentava as melhores razões para não ir.

Nessa ocasião interveio o outro prisioneiro, que até então permanecera mudo.

Viu-se, pela primeira vez, um jagunço bem nutrido e destacando-se do tipo uniforme dos sertanejos. Chamava-se Barnabé José de Carvalho e era um chefe de segunda linha. Tinha o tipo flamengo, lembrando talvez, o que não é exagerada conjetura, a ascendência de holandeses que tão largos anos por aqueles territórios do Norte trataram com o indígena. Brilhavam-lhe, varonis, os olhos azuis e grandes; o cabelo alourado revestia-lhe, basto, a cabeça chata e enérgica.

Apresentou logo como credencial o mostrar-se duma linhagem superior. Não era um matuto largado. Era casado com uma sobrinha do capitão Pedro Celeste, de Bom Conselho. . . Depois contraveio, num desgarre desabusado, insistindo com o Beatinho recalitrante: - *Vamos ! Homem ! Vamos embora. . . Eu falo uma fala com eles. . . deixe tudo comigo. Vamos ! E foram.* (CUNHA, 2003, p.448).



Figura 27 – Ruínas da Igreja Nova (Foto: Flávio Barros, 1897)

5. CONCLUSÃO

Realizamos este trabalho com o intuito de abirmos caminhos para uma investigação mais aprofundada sobre a obra *“Os Sertões”* através de um estudo apurado da obra, através de várias leituras, fichamentos e resumos. Porque acreditamos que a área de literatura seja muito rica e pouco explorada pelos alunos que estão concluindo a graduação em Letras.

Temos a certeza de termos contribuído para o desenvolvimento da comunidade acadêmica da qual fazemos parte, como, também, da educação de um modo geral, à medida que buscamos através de nossa monografia conscientizamos os demais integrantes desse processo de formação acadêmica em Letras da importância de colocarmos a história real, que não seja a camuflada pela versão oficial, que serve aos propósitos nem sempre lícitos dos poderosos e das elite dominante.

O trabalho realizado, durante um ano de leituras da obra e de mais dez obras e inúmeras artigos, que serviram para um aprofundamento da nossa investigação e reflexão e que, também, serviram de base para a elaboração do texto de nosso trabalho.

Nosso trabalho coloca a obra *“Os Sertões”* como o grande divisor de águas dentro da Literatura Brasileira, abrindo com algumas outras obras o movimento pré-modernista, que tinha como ideal uma busca por novas formas de expressão e acima de tudo por um desejo individual de redescoberta de uma forma crítica de ver o Brasil, aquele do sertão, do interior, dos morros, da periferia, esquecido e marginalizado, mas que precisava ser mostrado, discutido, interpretado. Os escritores desta fase se interessaram pelos assuntos do dia-a-dia dos brasileiros, criando obras de nítido caráter social com uma busca de uma linguagem mais, simples e coloquial, denunciando a realidade e rejeitando o Brasil cópia da cópia das sociedades européias, um país literário herdeiro do romantismo e do parnasianismo,

procurando a pátria não oficial aquela do sertão nordestino, do sertanejo, dos caboclos do interior, dos subúrbios, valorizando os tipos humanos marginalizados.

O pré-modernismo se configurou como sendo uma fase de transição e por isso, notamos traços conservadores e a permanência de algumas características realista-naturalistas, na prosa, ainda observamos na poesia traços de um caráter ainda parnasiano ou mesmo simbolista. Euclides da Cunha em sua notável obra “Os Sertões” foi nosso instrumento de investigação e de trabalho nesta monografia, mostrou seu estilo pessoal, novo e mesmo revolucionário, sendo ele o primeiro escritor brasileiro a diagnosticar o subdesenvolvimento do país, mostrando a existência de dois Brasis, o do litoral e do sertão, um opulento moldado ao jeito das sociedades européias um Brasil de empréstimo, e o outro uma autêntica imagem da nossa terra e da nossa gente um país do interior cheio de riquezas e primitivismo que nos faz ser diferentes dos demais povos, porém esquecido durante trezentos anos de nossa história, mais cheio de pura essência do que de mais rico tinha a nossa terra e o nosso povo.

Chegamos à conclusão que a visão preliminar de Euclides da Cunha sobre o sertanejo e sobre o movimento de Canudos era completamente negativa, preconceituosa e equivocada, pois antes de entrar em contato com a rivalidade, com o homem e com a luta desigual travada na guerra, Euclides escreveu dois artigos referentes à guerra de Canudos, elogiando a macha dos militares como “uma página vibrante de abnegação e heroísmo”, aproveitando ainda tais artigos para demonstrar seu apoio e confiança no exército e nos propósitos da república em massacrar canudos e no seu artigo intitulado nova Vendéia, ele deixa claro a sua visão de que o movimento de canudos seria uma tentativa armada de derrubar a república, fazendo uma alegação ao movimento dos camponeses de Vendéia na França que tentaram ir de encontro à revolução francesa, através da luta armada.

Sua visão sobre o sertanejo era completamente preconceituosa e baseava-se em teorias etnocêntricas dos finais do século XIX, que colocava o mestiço com um ser

completamente inferior em todos os aspectos, totalmente fadado ao fracasso, acreditando na supremacia da raça branca, com superior às demais em todos os aspectos.

Porém ao começar a sua viagem, como correspondente de guerra para o “Estado de São Paulo e adido militar do exército, ao passo que vai adentrando o sertão entra em contato com a crueza e começa a revelar um pouco a sua humanidade e sensibilidade dos homens de sentimentos poéticos, mas é sobretudo o cientista que a princípio que galga a cena e se impõe com vigor.”

Notamos que Euclides da Cunha começa a se mostrar surpreso com a agilidade e a eficiência dos sertanejos e a admirar sua bravura e grandeza de caráter e sua firmeza de propósitos.

Concluimos que a obra “Os Sertões”, realmente é uma obra literária, à medida que nela notamos qualidades de um produto autenticadas mente brasileiro, onde a natureza e o primitivismo são tratados com algo imprescindível a criação de uma nação autêntica com valores e cultura própria, e que nos brasileiros deveríamos nos orgulhar dessa autenticação, pois nela esta o mais puro atributo de diferenciação entre todas as demais nações do mundo, em vez de uma tentativa de simular sofisticação e empréstimo do modo de vida de outros povos em uma cópia medíocre de outros povos.

Nela o autor representa o real, porém com o seu ponto de vista bem particular, através de um processo maravilhoso de mimese, utilizando-se da subjetividade e dos recursos da literariedade para demonstrar a sua esplendida obra de ficção, compondo e colocando dados históricos em uma medida, não mais que a suficiente, num tecido ficcional que manteve a liberdade das artes em compor algo cheio de poesia e movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2000.

_____. **NBR 14724: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

ABREU, Modesto de. **Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Editora Rocco LTDA. 1998

ANTÔNIO, Candido. **Formação da literatura brasileira; momentos decisivos**. 3 ed. São Paulo: Martins 1969. 2 v.

ARTE BRASILEIRA. 3. ed. São Paulo: Abril, 1976.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

BOSI, Alfredo. **A Leitura de Os Sertões Hoje**. São Paulo. 2004.

CARDOSO, Vicente Licínio. **À Margem da História do Brasil**. 2ª ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

COUTINHO, Afrânio, org. **A literatura no Brasil; Romantismo**. Rio de Janeiro: Sul Americana, s.d.v.II.

FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides e Outros Perfis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Os Sertões (Euclides da Cunha) Campanha de Canudos**. Edição de crítica. São Paulo: Ática, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Aliteratura portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1965.

MOURA, Clóvis. **Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha**. São Paulo: Antologia, 1964.

OLIVEIRA, Franklin de. **A Fantasia Exata**. Rio: Zahar, 1959.

RABELO, Silvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1947.

SCLIAR, Moacyr. **O Sertão Vai Virar Mar**. 1º ed. São Paulo: Ática, 2002.

SODRÉ, Nelson W. **“Introdução” a Os Sertões**. Editora Universidade de Brasília, 1963.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

SOUZA, Olympio Andrade de. **História e Interpretação de “Os Sertões”**. São Paulo: Edart. 1960.

<http://www.portfolium.com.br/artigo-fabio.htm> - O Resgate de Aspectos Culturais da História de Canudos Através de Música e Poesia Populares. (Fábio Paes).

<http://www.portfolium.com.br/artigo-dawid.htm> O Cerco Discursivo de Canudos (David Danilo Bartelt)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-dawid2.htm> Canudos na Alemanha (David Danilo Bartelt)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lazaro.htm> [Semana Euclidiana - Um esboço histórico](#) (Lázaro Curvêlo Chaves)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lazaro2.htm> [Messianismo](#) (Lázaro Curvêlo Chaves)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-maestri.htm> [Bacamarte versus Comblain. Apontamentos sobre a Historiografia da República Sertaneja de Belo Monte](#) (Mário Maestri)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lutigarde.htm> [O Sertão de Ibiapina e o Mundo dos Beatos](#) (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lutigarde2.htm> [Canudos na Perspectiva Científica](#) (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lutigarde3.htm> [Canudos, o Registro da Violência](#) (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-lutigarde4.htm> Do Ceará, Três Santos do Nordeste (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-manoel.htm> De Juazeiro a Ladeira da Barra (Manoel Neto)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-eldon.htm> Festejos de Santo Antônio, o Padroeiro de Canudos (Eldon Canário)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-climaco.htm> Canudos: Poesia e Mistério de Machado de Assis. (Clímaco Dias)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-oleone2.htm> [O Coronel Moreira César e a Revolução Federalista em Santa Catarina](#)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-roberval.htm> Migrantes Canudenses em São Paulo: A memória num contexto de discriminação (José Roberval Freire da Silva)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-guilherme.htm> [Ordem e Progresso, Uma Visão Além de Euclides da Cunha](#). (Guilherme Félice Garcia)

<http://www.portfolium.com.br/artigo-pdantas.htm> Viagem Definitiva a Canudos. (Paulo Dantas)

CANDIDÓ, 1981, Site: <http://www.portfolium.com.br>

SARAMAGO, 1990,17, <http://www.portfolium.com.br>

BARTHES, 1978, 22, <http://www.portfolium.com.br>

Vivianne Milward de AZEVEDO UFOPA EMOÇÃO ESTÉTICA EM *Os Sertões* <http://www.portfolium.com.br/artigo-vivianne2.htm>

ANEXOS

01- TERMINAÇÃO DA GUERRA DE CANUDOS

(Discurso não pronunciado por Rui Barbosa)

“Existe no arquivo da Casa de Rui Barbosa o rascunho de um discurso que o grande tribuno pretendia talvez pronunciar no Senado ao terminar a guerra de Canudos”. Tal discurso, porém, não foi jamais pronunciado, nem ali nem alhures. Rui Barbosa achavam-se então arredo dos trabalhos daquela câmara, que lhe havia trancado todas as comissões, e cuja atmosfera se tornara asfixiante ao contumaz e irredutível liberal: não podia filiar-se à maioria. - por infenso ao governo que ele considerava tímido de Prudente de Moraes, - nem tampouco à maioria jacobina dos apologistas do governo anterior e entusiastas da memória do marechal Floriano.

Aniquilados os últimos defensores de Canudos, "que todos morreram", e quando ainda ressoavam festivos os hinos de vitória sentiu, de certo, dentro na alma e velho amigo da justiça, dos perseguidos, dos desamparados, um assomo insopitável de revolta ante a sangueira inútil da tragédia, as chamas dantescas daquele inferno, o sacrifício tremendo do extermínio completo daqueles infelizes e desprezados patrícios sertanejos. Quis bradar o seu protesto, em nome da civilização, da piedade cristã, da confraternidade humana. Recuou, talvez, considerando a inutilidade do esforço ou - quem sabe? - ante a náusea do cruor, da sânie, da carniça, cuja graveolência teria de ressentir enquanto gritasse a todo o país a selvajaria do grande crime. Restam apenas dessa tentativa generosa algumas laudas, algumas notas e citações, que serviriam de roteiro ao escritor, consoante seu costume antes de encetar qualquer trabalho de fôlego. Aqui vão elas.

Por entre as desgraças do período que atravessamos, S.P., (Senhor Presidente.) e em contraste com elas, avultam dois fatos de consolação e esperança, dois indícios de futuro melhor. Um está na firmeza silenciosa e perseverante, com que o governo se empenha em sanear a atmosfera nacional dos miasmas de barbaria, que a

infestam, em obrigar o crime político a refluir, execrado, às suas origens, em apagar do nosso nome e da herança de nossos filhos a mácula de sangue, crescente, crescente, crescente como o estigma de uma família de Cains. O outro consiste na decepção infligida pelas instituições militares aos seus exploradores, cuja malignidade, em vez do exército modelado no exemplo dos Marcelinos, por êles industriados para salvar a república, renovando na sua metrópole os processos de Canudos, viram no exército, fiel à disciplina, à autoridade e à lei, a imagem coletiva do horror ao atentado que vitimou o maior dos seus marechais. Uma vez que assim se resolveu o dilema do punhal à fôrça armada, uma vez que esta repele a injúria da cumplicidade com o assassino, e assume a sua solidariedade natural com as medidas vingadoras do direito, uma vez que dêste modo parece encerrada a época das cobardias, seria vileza não ter, por transação com o sistema das irresponsabilidades, a coragem de cumprir um dever contra o inimigo atual.

Chamo eu o inimigo à impunidade, ao sacrifício violento da justiça, às transações do medo com as provas criminosas, ao sistema da selvageria sanguinária professada nos clubes, nas ameaças anônimas, nos conciliábulos de morte, nas conspirações de assassinos, nos projetos de conquista do poder pela matança; o inimigo atual à divisão da sociedade em matadores e morituros, ao republicanismo do açougue, tão pródigo da vida alheia quanto conservador da própria, tão mestre na insolência como na hipocrisia, tão lesto na emboscada como na carreira, cuja política de adulação aos instintos da fôrça irrogou ao exército brasileiro a mais sangrenta das afrontas, indo buscar nas suas fileiras habituadas à glória o instrumento do mais abominável dos crimes. Contra êsse inimigo há um dever que cumprir, a bem do presente e do futuro, da sociedade e do Estado, da pátria e do gênero; mas, se me é lícito distinguir, a bem principalmente do exército brasileiro, cuja honra é a honra do país. Êsse dever me fala ao espírito com a severidade dos deveres sagrados, que, preteridos pelos fracos, se guardam para a hora da conta, debruçando-se implacáveis à cabeceira dos agonizantes. Aquêles, por quem eu não pude, vivo, requerer o habeas-corpus, isto é, a justiça, obrigam-me, mortos, a impetrá-lo de Deus para minha consciência, do país para o seu governo, do mundo civilizado para

a nossa terra, porque a nossa terra, o nosso govêrno, a nossa consciênciã estão comprometidos: a nossa terra seria indigna da civilizaçã contemporânea, o nosso govêrno indigno do país, e a minha consciênciã indigna da presençã de Deus, se êsses meus clientes não tivessem um advogado. Nunca êste recinto conteve auditório igual. Os mortos pululam por entre os vivos: inclinam-se daquelas galerias, apinham-se em tôrno dêste anfiteatro, encostam-se às nossas cadeiras, não se vêem, mas se ouvem, se sentem, como que se palpam. Vêm das catingas do norte, dos campos devastados da guerra, das ruínas lavradas pelo fogo, dos destroços do petróleo e da dinamite; são desarmados, mulheres e crianças; mostram no colo o sulco da gravata sinistra; mutilados, eviscerados, carbonizados, estão dizendo: Falai por nós, voz da Bahia, voz da justiça, voz da verdade. Falai por nós, legisladores brasileiros, que falais pro vossas almas, por vossos filhos. Temei a expiaçã, com que Deus pune o egoismo insensível à causa dos mortos. As iniquidades que bradam nos céus recaem sôbre a terra indiferente em chuva de iniquidades. Separai a vossa sorte da sorte dos maus, ou a maldade será soberana, empestará o solo, e por mais de uma geraçã desencadeará sôbre o povo o flagelo dos crimes que nos exterminam. Felizes os nossos companheiros, que morreram arrostando os leões; nós acabamos às garras das hienas. Somos as vítimas da boa-fé, a hecatombe da carniça. Nesse exêrcito, com...

O que empanharia a glória não é a liquidaçã pública da verdade, se a verdade não está em contradiçã com a glória, se a glória existe, e é pura, e não se manchou em atentados, com os quais não há glória compatível. O que empana a glória, é a pretensã do silêncio oficial e das adulações servis da fortuna a abafarem sob a crosta superficial das suas convenções os escrúpulos, os receios e os murmúrios da sociedade, abalada pela apreensã de que se haja cometido em seu nome um dêsses crimes, cuja expiaçã Deus não perdoa aos povos covardes, cúmplices pelo mêdo em impiedades, que a sua consciênciã detesta, e a sua tolerância absolve. Pouco lhe vale o frágil obstáculo, incapaz de resistir à pressã dessas fôrças interiores, mercê das qual a moralidade humana acha sempre meio de fender as zonas mais tristes da decadência das nações, e projetar-se no meio delas como

um raio antecipado da história. A essa luz contemporânea, a essa justiça que não aguarda a posteridade, se dissipam como visões inconsistentes da obscuridade as glórias fabricadas pela adulação da força. A verdadeira glória, irmã do dever, da humanidade e da honra, não quer essas condescendências, não aceita êsses incensos, não se coroa com êsses ouropéis. É glória; e a glória não cobre crimes, nem tem segredos; quer ser julgada, sem privilégios, no plenário universal, porque, feita de irradiações luminosas da bravura, do sacrifício e da generosidade, vive no azul, na transparência e no sol, acima da região baixa das aranhas e dos sapos, onde a calúnia fia as suas teias, e a injúria grasna os seus doestos.

Se for essa a glória que fulgura sôbre o exército brasileiro, sôbre o soldado brasileiro, sôbre os generais, benditos os que souberam da guerra selvagem a sua missão de defesa social. Os nossos generais, os nossos soldados, o nosso exército não admitiriam outros loiros. A glória de parada, a glória de compadrio, a glória bárbara, que coloca os vencedores acima da justiça e da lei, associaria ao seu triunfo as maldições do país, a desonra da república, o horror do mundo civilizado, e depois de revoltar contra êle os nossos interesses, as nossas tradições e os nossos sentimentos, a pátria, a religião e o direito, acabariam provocando uma intensa reação de desgosto e repulsa no seio das virtudes militares, cujo reservatório, esperemos em Deus não estará esgotado neste país.

Não quero com isto - não, senhores! - não quero atenuar a importância da vantagem, obtida, diminuir a gravidade do mal, que se atalhou, enfraquecer a lição, que se acaba de firmar. Mas talvez a minha maneira de compreender essa lição não seja a mais comum. Deixai-me, pois, dizer-vos onde eu a veja, e como a compreendo. Canudos arrasou-se; mas não é no arrasamento de Canudos que se acha o nosso maior proveito moral. Suprimistes uma colônia de miseráveis; mas não tocastes na miséria, que a produziu. A miséria é a ignorância, o estado rudimentar, o abandono moral dessas populações, sem escolas, sem cultura cristã, sem vias férreas, sem comércio com o mundo civilizado. Os jagunços são as vítimas da situação embrionária de uma sociedade enquistada ainda hoje na rusticidade colonial. A lição não está nessa exibição atroz de uma cabeça cortada ao corpo

exumado de um louco, profanação agravada de um cadáver e de uma sepultura, espetáculo oriental, que os nossos sentimentos repelem, e que nem o pretexto da curiosidade científica absolve. A lição não está nas páginas heróicas escritas pelas nossas tropas no Cocorobó, em Vaza-Barris e na Favela; porque os nossos soldados não seriam dignos desses feitos memoráveis, se não tivessem a nobreza de confessar que em heroísmo os vencidos não ficaram devendo aos vencedores. A lição, quanto aos vencedores, está nessa inundação de evidência que esta campanha derramou sobre a situação da defesa nacional, a sua inenarrável fraqueza, a necessidade imperiosa da sua reorganização absoluta. Mas o ensinamento sobre todos preciosos que resulta dessa tragédia, consiste na surpresa desse Brasil misterioso, desconhecido ao mundo oficial, que os sertões do Norte nos acabam de revelar na fibra dessa raça talhada para competir com as mais fortes da terra, e na amostra das insuperáveis dificuldades com que deve contar o poder ou a anarquia nos caprichos de suprimir pela força a vontade do país. Supunha-se que esta nação só se compusesse da população híbrida, invertebrada e mole das cidades; mas o deserto revotado nos fez sentir na medula do leão a substância de que se fazem os povos viris. Mas ainda outra coisa se viu: para debelar um arraial, defendido pelo frenesim de um núcleo de homens decididos a se matarem pela visão de um falso direito, foi mister um exército. Calculem agora quantos exércitos não seria necessário semear neste país, para lhe impor o cativo, imaginem se há reações militares, que não desapareçam ao sopro do direito popular, quando a nação levantada tiver a consciência, à vontade e a coragem da sua soberania.

A lição, quanto aos vencidos, está na seriedade dos nossos deveres para com essas populações entregues pela indiferença brasileira aos instintos agrestes do aborigine, está na necessidade, a que cada vez menos atendemos, de fazer menos política, de cultivar menos paixões, e pensar mais nos grandes reclamos do nosso progresso, está em que não podemos aspirar à reputação de povo civilizado, esquecendo completamente a instrução, a moralização, a cristianização desses ramos vigorosos e (palavras ilegíveis) da nossa própria família esparsa em regiões incomensuráveis, que só conhecem o arado eleitoral.

Se as minhas opiniões destoarem das vossas, escutai-as com benignidade, reconhecendo que cumpro um dever árduo, e que, servindo-o, cumpro com os interesses, para obedecer à consciência. Acostumados à minha heterodoxia habitual, a menos invejável e lucrativa das condições a que um homem político se pode ver reduzida... (Obras Completas de Rui Barbosa, V. 24 T 1 1897 p. 299-304)

02- Depoimento de Honório Villanova (1964)

Trechos das memórias de Honório Villanova, sobrevivente da guerra de Canudos e irmão de Antonio Villanova, um dos principais líderes conselheiristas. Este antológico depoimento foi recolhido pelo escritor Nertan Macedo, em 16 de março de 1962, em Assaré (CE), e publicado na íntegra no livro Memorial de Villanova (Macedo, 1964).

(...) Conheci o Peregrino, era eu menino, no Urucu. Se bem me recordo, foi em 1873, antes da grande seca. Ele chegou, um dia, à fazenda, pedindo esmola para distribuir pelos pobres, como era do seu costume. Onde vinha, não posso me lembrar. Falava-se que dos lados do Quixeramobim, mas a origem pouco importa. Compadre Antônio deu-lhe um borrego nessa ocasião.

O Peregrino disse a quantos o ouviram no Urucu que tinha uma promessa a cumprir: erguer vinte e cinco igrejas. Que não as construiria, contudo, em terras do Ceará. Nunca mais pude esquecer aquela presença. Era forte como um touro, os cabelos negros e lisos lhe caíam nos ombros, os olhos pareciam encantados, de tanto fogo, dentro de uma batina de azulão, os pés metidos numa alpercata de currulepe, chapéu de palha na cabeça.

Era manso de palavra e bom de coração. Só aconselhava para o bem. Nunca pensei, eu e compadre Antônio, que um dia nossos destinos se cruzariam com o desse homem.

Um tarde, ele foi embora do Urucu, caminhando vagarosamente, levando no braço o borreguinho que meu irmão lhe dera. Ficamos olhando a sua figura esquisita, durante algum tempo, do alpendre. Até que sumiu na estrada, não para sempre. Anos passados, reencontramos o Peregrino, desta feita na Bahia. O povo de Vila Nova da Rainha, onde então residia com os meus, dele falava como de um santo

profeta. Padre Sabino, de Cumbe, que ia muito a Canudos, foi por isso mesmo judiado pelo Moreira César, a corta-cabeça, e salvo de ser fuzilado pelo Coronel Tamarindo.

A verdade é que um dia o Padre Pedro, de Vila Nova, procurou o compadre Antônio e disse:

– Assunção, sei que você gosta de mascateação. Vou fazer uma desobriga e você vai comigo. Poderá vender muito pelo caminho.

Compadre Antônio foi com o Padre, caiu no mundo com o reverendo, munido de uma carga de bacalhau, arroz, bolacha e fazendas. Tocaram os dois em várias partes, até Uauá. Aí, o Padre disse a meu irmão:

– Assunção, esta é a última vila da minha pregação. Daqui eu volto. Adiante dez léguas tem um Conselheiro fazendo uma igreja. Vá vender o resto da sua mercadoria lá pelos Canudos, onde o pessoal está com muita precisão. Compadre Antônio uniu-se a uma romaria que demandava o arraial, enquanto o Padre retornava a Vila Nova da Rainha. O povo com quem meu irmão viajava ia a Canudos assistir a uma missa. Quando ele chegou ao arraial foi logo chamado à presença do Peregrino.

– Onde é o irmão – perguntou o santo homem.

– Do Ceará – respondeu Antônio.

O Peregrino indagou, então, qual era o lucro que esperava obter com a venda da mercadoria trazida. Compadre Antônio respondeu:

– O lucro é de vinte por cento.

– Pois faça um abate para quinze e nós ficamos com tudo.

O padre Antônio aceitou a oferta e o Peregrino mandou pagar a quantia proposta. E tanto gostou meu irmão de Canudos que ali decidiu ficar. De Vila Nova da Rainha eu ia despachando ao compadre as mercadorias que ele pedia. Canudos começou a abastecer-se de Vila Nova e foi assim que Antônio, tanto quanto eu, mais tarde, ganhamos o apelido que conservamos – Vilanova.

Um dia, Antônio me convidou para morar também em Canudos. Eu e ele, como sabem, já éramos casados. Fui, antes, dar uma espiada no arraial. Gostei tanto da ordem ali observada que resolvi ficar. Canudos era um pedaço de chão bem-aventurado. Não precisava nem mesmo de chuva. Tinha de tudo. Até rapadura do Cariri.

Fui-me deixando ficar à sombra do Peregrino, trabalhando ao lado do compadre Antônio.

Durante o dia alguns homens levavam nas carretas de madeira ou na cabeça, conforme a promessa ou a necessidade, pedras para a construção da nova igreja. Quase nunca aparecia o Peregrino. Vivia dentro de casa, meditando ou rezando. Os homens, repito, não eram tanto de freqüentar os ofícios. As mulheres, sim, iam quase todas ao santuário ou à latada, onde rezavam e ouviam pregação. Da loja do compadre Antônio, eu via, vez por outra, passar o Peregrino sobre a parede da igreja, vigiando as obras. Cachaça, não. Nem devassidão. Era um povo ordeiro e não havia briga.

Quando chegava ou saía do arraial alguém de fora, perguntando "como vai?" ou dizendo "adeus!", o Peregrino chamava com delicadeza e ensinava: - Aqui não se fala assim. A única saudação nesta terra é: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"!

A loja funcionava de dia, compadre Antônio e eu atendendo no balcão. As coisas do tempo eram baratas. O açúcar branco, vindo de Sergipe. Custava seis mil-réis a arroba. Quatro o mascavo, arroba de quinze quilos. Cinco mil-réis o quilo de bacalhau. A carga de rapadura de Geremoabo não ia além de vinte mil-réis. Cada uma delas os dois vinténs, tínhamos um lucro de cem por cento. Miudeza era a tostão. Uma travessa, pente de choco, custava cinco réis. O quilo da pimenta-do-reino, dez tostões. O charuto um tostão. A arroba de fumo, sete mil-réis. É do quanto me lembro, nesta minha velhice.

Certa vez, ouvi do Peregrino uma profecia. Ele disse ao povo:

– Na casa do século XX há de aparecer uma praga do rabo de vara para perseguir os mantimentos dos lavradores. Calabar não tem gosto de comer do arroz, do milho e do feijão. Há de haver grande fartura de ouro branco e de ouro preto. O ouro preto, o fumo, a fumaça irá ao ar e o ouro branco vestirá o povo. Dele próprio nunca falou o Peregrino. Não dizia uma palavra sobre a sua vida passada ou presente. Sabia-se, vagamente, que fora casado e que a mulher entregara-se à má vida. Uma única vez falou de si, dizendo que, quando menino, fora maltratado pela madrasta.

E foi só. Verdade que não conversava com fêmeas. E se um homem, quando ia falar com ele, tremia, assustado, perguntava sempre:

– Que tem o meu irmão?

– Os nervos, meu Pai.

– Não sou onça, não, mas um Peregrino que não faz mal a ninguém. Não era doido e ninguém soube de fatos que lhe desabonassem a conduta. Santos e justos eram os seus conselhos a todos, homens e mulheres. Ah, não pegava em dinheiro da República! Mas não pegava em dinheiro de qualquer espécie, nem mesmo o de D. Pedro III!

Não dormia com um tostão de um dia para o outro. Recebia-se esmolas, logo as passava a quem se achasse junto dele. Ou mandava comprar panos para vestir os necessitados.

Era assim o Peregrino.

(...)Recordações, moço? Grande era os Canudos do meu tempo. Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio. Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de reza ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino. Eu e compadre Antônio tínhamos a nossa loja, mesmo defronte ao santuário. Era um formigueiro de gente, zelosa e ordeira nos seus bons costumes, onde não havia uma só mulher prostituta. Do balcão eu via em

derredor a quietude e a paz em que findavam os dias. Reinava o Peregrino. A sua palavra era ouro de lei. A sua mão, suave. O bastão era apenas para apoiar o corpo moído de tantos sacrifícios e rezas. Isto. Mais nada. Os mortos? Lembro... João Abade, tão famoso, vinha sempre à loja dar um dedo de prosa. Mesmo no tempo da guerra. Abade tinha a cabeça roletada, como a de um frade, era valente, era alto, era dos lados de Natuba, das bandas do mar.

Antônio Beatinho, que depois degolaram, era lazarino, os olhos castanhos e tinha o cabelo bom. Tinha o beato Paulo, bem velhinho, também de Natuba, que morreu e foi enterrado na frente da igreja e não brigava – só servia mesmo prá morrer. Pedrão não era nem baixo nem lazarino, mas entroncado. Tinha chegado de Várzea da Ema e na guerra recebeu de nós, eu e meu compadre Antonio, trinta homens e trinta caixões de bala. Eu despachava a pólvora para o povo na loja. João Abade era comandante arteiro. Quando ele e os seus homens chegaram a Uauá os soldados dormiam. Dois tomavam banho no rio. Estes morreram. O combate durou quatro horas e João Abade saiu ferido numa perna. O Peregrino era de boa paz. Nunca acreditou que os soldados do governo viessem matar os homens e esbandalhar as mulheres. Muita gente dizia, mas ele teimava em não acreditar. Era pacífico. Meu irmão Antônio, sempre unido a mim, porque os outro, Se espalharam cedo, era alto, tinha barba e bigode fechados, trajava sempre calça, paletó e camisa. Valente, sim, muito valente. Assim era a vida.

As beatas rezavam o dia inteiro. Estavam sempre ajoelhadas no oratório, desfiando os rosários, cantando as ladainhas. Até mesmo de madrugada. De manhã era o ofício. As novenas de Santo Antônio. Cantavam-se os benditos. Não aprendi nenhum, porque só uma vez ou outra aparecia pela igreja. Não gostava muito de reza.

Compadre Antônio, sim, ia sempre. A boca da noite começava o terço na latada. Diante das muitas imagens de santos trazidas pelo povo: Nossa Senhora, Santo Antônio, São Pedro, São João, os Apostolos. Rezava-se pela madrugada adentro o

ofício de Nossa Senhora da Conceição. O Peregrino estava sempre presente e sempre pronto a repetir os Mandamentos da Lei de Deus e aconselhar o povo. Tudo que ele proferiu antes da guerra nós vimos. Não era homem para acreditar em bruxarias. Lia a sua *Missão Abreviada*. Tinha uma letra fina, botava a folha de papel na mão e escrevia sem parar, até quando o vento a dobrava páginas de profecias e orações. Quando não escrevia ele, ditava a Leão de Natuba. Morava num quartinho escuro, bem junto do santuário. Dormia numa cama de vara, com uma esteira e um pedaço de flanela. O rosto era lazarino. Barba e cabelos cerrados, pretos e lisos, eram aparados nos dias de sábado. Conversava pouco, falava quase nada. Só quando tinha conselhos a dar e pregar nos Mandamentos da Lei de Deus. Então, ele dizia:

– Quem furta uma agulha furta um cavalo!

Depois, perguntava ao povo reunido:

– Quantas agulhas por um vintém?

O povo dava a resposta:

– Quatro!

– Pois quem furta uma agulha furta também um boi e um cavalo – ensinava o Peregrino.

Durante a guerra quase não sobrava tempo para as rezas no santuário. Mas, no tempo da paz, tudo era alegria em Canudos. O Peregrino dizia: “Quando estivermos orando não quero ver música nem cachaça”. Porque havia em Canudos o Mestre Faustino, mestre-de-obras e talhador de altares, que descumpria a lei e sempre arranjava meio para tomar uma “bicada”. Era um velho de sessenta anos e fez umas rosas douradas no altar da igreja que eram a admiração do povo. O Peregrino proibiu Mestre Faustino de beber. O Mestre ficou magro e triste. Depois se consolou no trabalho. De vez em quando aparecia o Padre Sabino, vigário do Cumbe, que vinha celebrar, batizar e casar na igreja do Peregrino. O reverendo gostava de Canudos e ali ficava mais de um dia e era muito bem recebido. Depois ia embora, com a bolsa regalada. Quando o Peregrino caminhava pelo povoado, coisa rara, ia

sempre acompanhada de um carneirinho, como o do Menino Jesus. Perguntava ao povo:

– Quem comerá da carne deste cordeiro?

Mas o povo não respondia, cheio de respeito.

O carneirinho morreu aos pés do Peregrino, ferido de bala num dos combates. Canudos crescia. Os vendedores de Cumbe, Uauá, Monte Santo e de todas as redondezas tinham inveja de nós, os Vilanovas, porque não dávamos impostos ao governo, como eles. Os mascates que chegavam a Canudos viam a nossa paz, prosperidade e riqueza e saíam propalando pelo mundo.

Um dia o Peregrino disse:

– Quando Jesus Nosso Senhor andou pela terra foi acompanhado de cinco mil pessoas. No meio delas havia mais gente detestada do que boa. Ao lado do Bom Jesus já tem o mesmo número de pessoas.

E seguia, vagaroso, pelas vielas, com seu cajado, sua batina de azulão, suas alpercatas de couro, ouvindo e abençoando os crentes em Deus Nosso Senhor. Uma vez, pregando de noite ao povo, o Peregrino disse para quem tivesse oíças e entendimento:

- Os homens, quando inventaram a República, também inventaram umas armas de mola, coisa de Anti-Cristo, que é raça de Caim, para vir combater o Bom Jesus. O povo escutou, calado, e guardou a lição. Nós só tínhamos espingardas de pólvora. Foi Moreira César quem nos deixou essas armas de mola, de que falarei adiante. Não havia precisão de roubar em Canudos, porque tudo existia em abundância, gado roçado, provisões não faltavam. Se o Peregrino ditava contra a República é porque a República era contra a religião. De sua vida, já disse, nada dizia o Peregrino. Só de uma feita, quando perguntou ao povo:

– Como posso ter assassinado minha mãe, se fui maltratado pela minha madrasta? Se não houvessem matado o Peregrino ainda hoje eu estaria em Canudos...

03- Documentos Raros da Igreja

Ofício do Arcebispo D. Luís (1882)

“Bahia, 16 de Fevereiro de 1882”. – Rvmo. Senhor - Chegando ao nosso conhecimento que, pelas freguezias do centro deste arcebispado, anda um individuo denominado Antonio Conselheiro, pregando ao povo que se reúne para ouvi-lo doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que esta perturbando, as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos parochos destes lugares, ordenamos a V. Revma. que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos parochianos que lhes prohibimos, absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja Catholica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que elle seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercel-a. Entretanto sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de V. Revma no exercício do ministerio da pregação, afim de que os seus parochianos, suficientemente instruídos, não se deixem levar por todo o vento de doutrina.

Outrosim, se apezar das advertências de V. Revma., continuar o individuo em questão a praticar os mesmos abusos, haja V. Revma. de immediatamente communicar-nos a fim de nos entendermos com o Exm. Senhor Doutor chefe de policia, no sentido de tomar-se contra o mesmo as providencias que se julgarem necessarias.

Deus Guarde a V. Revma. - Revd. Sr. Vigário da Purificação dos Campos. “Luiz , Arcebispo da Bahia.” (Apud Manoel Benício, 1899, p. 54)

04- Despedida do Beato Antônio Conselheiro:

Praza aos céus que abundantes frutos produzam os conselhos que tendes ouvido; que ventura para vós se assim o praticardes; podeis entretanto estar certos de que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa luz e força, permanecerá em vosso espírito: Ele vos defenderá das misérias deste mundo; um dia alcançareis o prêmio que o Senhor tem preparado (se converter des sinceramente para Ele) que é a glória eterna. Como não ficarei plenamente satisfeito sabendo da vossa conversão, por mim tão ardentemente desejada.

Outra cousa, porém, não é de esperar de vós à vista do fervor e animação com que tendes concorrido para ouvirdes a palavra de Deus, o que é uma prova que atesta o vosso zelo religioso. Antes de fazer-vos a minha despedida, peço-vos perdão se nos conselhos vos tenho ofendido. Conquanto em algumas ocasiões pro ferisse palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita república, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor e amor de Deus, todavia não concebam que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa reputação. Sim, o desejo que tenho da vossa salvação (que fala mais alto do que tudo quanto eu pudesse aqui deduzir) me forçou a proceder daquela maneira. Se porém se acham ressentidos de mim, peço-vos que me perdoeis pelo amor de Deus. É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a — minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto. (Ataliba Nogueira: Antonio Conselheiro e Canudos, págs. 175/181).

05- RELATÓRIO DO TENENTE PIRES FERREIRA, COMANDANTE DA I EXPEDIÇÃO CONTRA CANUDOS:

“Combate de Uauá” – Logo que chegamos ao arraial, no dia dezenove, mandei estabelecer o serviço de segurança, postando guardas avançadas nas quatro estradas que ali conduzem em distancia conveniente, a fim de evitar qualquer surpresa; nomeei o pessoal de ronda, e conservei toda a força no acantonamento. O dia vinte passou-se sem nenhum incidente notavel, a não ser o abandona do arraial à noite, e furtivamente, por quase todos os habitantes. Das informações que colhi consta que assim procederam com receio da gente do Antonio Conselheiro. Inclino-me, porém, a crer que se achavam mancomunados com esta para atraíçoarem a força publica, como o fizeram, pois que até os poucos que ficaram no arraial não foram offendidos pelos bandidos, e garantiram-me antes do combate que ali não havia fanaticos, nem adeptos do Antonio Conselheiro; que este e o seu povo se achavam em Canudos, de onde não sahiriam, não obstante terem elles a certeza quando isso me affirmaram de que os mencionados bandidos se achavam a quatro léguas de distancia, dirigidos por Quimquim Coyam, e viram atacar a força na madrugada do dia immediato.

Às cinco horas da manhã do dia vinte e um, fomos surprehendidos por um tiroteio partido da guarda avançada, colocada na estrada que vae ter a Canudos. Esta guarda, tendo sido atacada por uma multidão enorme de bandidos fanaticos, reistiu-lhes denodamente, fazendo fogo em retirada. Por essa occasião o soldado da segunda companhia Theotônio Pereira Bacellar, que por se achar muito estropeado não pode acompanhar, a guarda foi degolado por um bandido. Immediatamente, dispuz a força para a defensiva, fazendo collocar em distancia conveniente do acantonamento uma linha de atiradores, que causou logo enormes claros nas fileiras dos bandidos. Estes, não obstante, avançaram sempre, fazendo fogo, aos gritos de viva o nosso *Bom Jesus! Viva o nosso Conselheiro! Viva a monarchia! Etc., etc., etc.*, chegando até alguns a tentarem cortar a facão os nossos soldados. Um delles trazia

alçada uma grande cruz de madeira, e muitos outros traziam imagens de sanctos em vultos. Avançaram e brigaram com incrível ferocidade, servindo-se de apitos para execução de seus movimentos e manobras. Pelo grande numero que apresentaram foram por algumas praças calculadas em tros mil! Há, porém, nisso exagero, proveniente de erro de apreciação; seriam uns quinhentos, mais ou menos, os que nos atacara, divididos em varios grupos, que procuravam envolver a nossa força e apoderar-se do arraial, o que não conseguiram devido às energicas providencias que tomei, effecazmente auxiliado pelos officiaes e a disciplina das praças. Conseguiu, entretanto, grande numero delles, apoderar-se de algumas casas abandonadas, que se achavam desguarnecidas por insufficiencia da força e de onde nos fizeram algum mal, mas, sendo necessario incendiar as dictas casas, afim de desalogja-los, o que conseguimos depois de algum trabalho. Chegados a esta phase do combate, depois de mais de quatro horas de luta, conhecendo que elles já se achavam desmoralizados, pela dificuldade com que respondiam, ao nosso fogo, e porque já tentavam fugir, passei a tomar a offensiva, e fiz perseguil-os até meia legua de distancia, morrendo muitos delles nessa occasião, e ficando o resto completamente desbaratado. Não levei mais longe a perseguição e mandei toca a retirar, por constar-me, achar-se um grande reforço delles um pouco adiante, e por estar a nossa gente cançada e sem alimentar-se desde a véspera. Além disso cumpria-me reunir os elementos que me restavam, a fim de resistir a uma nova aggressão que porventura se desse. Seria pouco mais ou menos meio dia, quando terminou essa luta, com o regresso de nossas praças ao acantonamento, sem que durante a perseguição tivesse soffrido prejuízo algum. Na phase mais aguda do combate, houve fogo incessante e renhido de parte a parte, durante mais de quatro horas. Todos os officiaes, inferiores e praças portarem-se nessa emergência com um heroísmo e uma disciplina sem par, o que muito concorreu para seu bom exito, faltando-me palavras com que possa exprimir o procedimento nobre, correcto e enthusiasmador de que deram exuberantes provas, honrando assim a corporação a que pertencemos.

Os inimigos deixaram no campo e dentro das casas que ocupavam mais de cento e cinquenta cadáveres, sendo incalculável o número de feridos que tiveram e dos que foram morrer pela estrada, ou dentro das catingas. As nossas perdas foram aliás insignificantes quanto ao número, sendo, porém, dolorosamente sensíveis e lamentáveis, por terem sido victimados pelas balas dos bandidos o distinto e temerário alferes Carlos Augusto Coelho dos Santos, o bom e destemido segundo sargento Hemeterio Pereira dos Santos Bahia, os valorosos cabo de esquadra Manoel Francisco de Souza, anspeçada Antonio Joaquim do Bomfim, soldados Herculano Ferreira de Araujo, Victorino José dos Santos e João Chrysostomo de Abreu, além do já mencionado Bacellar, que foi degollado no começo da ação, tendo sido assim a primeira vítima. Ficaram feridos: gravemente - cabos de esquadra Cesario João dos Santos, Manoel Antonio do Nascimento, Pedro Leão Mendes de Aguiar, anspeçadas Tiburtino de Oliveira Lima, Minervino Bello da Cruz, soldados José Antonio Moreira, Casemiro de Freitas Passos, João Ferreira de Pinho e Virgilio Manoel dos Reis; levemente - cabos de esquadra Athanazio Felix de Sant Anna e Salustiano Alves de Oliveira, anspeçadas João Evangelista de Lima e Raphael Pereira Cardoso, soldados - Antonio Bispo de Oliveira e Feliciano José dos Santos. Faleceram, também na luta, os paisanos Pedro Francisco de Moraes e seu filho João Baptista de Moraes, que nos serviam de guias, e que se portaram com galhardia na ocasião do combate, juntando-se à força e enfrentando os bandidos. Eram ambos casados e deixaram família sem recursos. Perdemos, portanto, um oficial, um inferior, um cabo de esquadra, um anspeçada e quatro soldados, que com os dois paisanos guias dão um total de dez homens mortos no referido combate. Cumpre-me ainda notar que alguns casos de morte se deram por excessos de bravura, praticados pelas vítimas que se expunham sem necessidade às balas do inimigo. Os cadáveres do oficial e das praças foram cuidadosamente sepultados na capella do arraial, os dos bandidos ficaram insepultos por não dispormos de tempo, pessoal, nem dos instrumentos necessários para o enterramento delles. Fomos forçados a retirar para Joaseiro, na tarde do mesmo dia do combate, não só para evitar o mal que poderia advir da decomposição de tantos corpos, como também pela falta de viveres e outros recursos em Uauá.

Os bandidos estavam armados em grande parte com carabinas Comblain e Chuchu, outros tinham bacamartes, garruchas e pistolas, e quasi todos traziam, além das armas de fogo, grandes facões, foices e machados. O Dr. Antonio Alves dos Sanctos, medico adjunto do exercito, que acompanhou a força, prestou -reas serviços durante o combate, tratando as praças feridas com interesse e desvelo, mostrando-se na altura da humanitaria missão que lhe fôra confiada; tendo, porém, depois de terminada a luta apresentado symptomas de desaranjo mental, entreguei os feridos logo que cheguei ao Joaseiro aos cuidados do facultativo civil Dr. Antonio Rodrigues da Cunha Melo, que se encarregou do tratamento, fazendo-o com dedicação, solicitude e interesse, operando até algumas praças, no que foi auxiliado pelo cirurgião dentista Brigido Pimentel, que muito se prestou durante alguns dias com incansavel zelo.

ARMAMENTO - O fuzil Mannlicher, de que se acha ainda armado o batalhão, comquanto seja de repetição e de grande alcance, com seu projectil dotado de uma força de penetração extraordinaria, e dando ao tiro uma justeza admiravel, comtudo não compensa com essas bôas qualidades, alliadas a muitas outras que possui, o prejuizo resultante da extrema delicadeza de seu mecanismo que facilmente se estraga, ficando o fuzil reduzido a simples arma branca, quando adaptado no extremo do cano o componente sabre-punhal. Basta um pouco de poeira ou um simples grão de areia, introduzido na camara, para que não possa o ferrolho funcionar. Acontece, além disso, que com o fogo um pouco prolongado os carregadores não podem entrar no deposito com o numero de cartuchos regulamentar, dilata-se o aço do cano que, aumentado de diametro, difficulta a introducção dos cartuchos para o tiro simples, não podendo a arma funcionar como as de repetição. Dahi um grande numero de armas incapazes para o seu mister na ocasião opportuna, como aconteceu no combate em que tive de tomal-as das mãos das praças, a fim de ver si conseguia fazel-as funcionar, sendo infructiferos todos os esforços nesse sentido. Mesmo em muitas das armas que funcionavam, o extractor, peça de grande delicadeza, perdia a necessaria justeza e enfraquacia a

móla, deixava de extrahir o cartucho, que tinha de ser extraído á mão, o que prejudicou a rapidez do tiro. Esse armamento não convém ao nosso exercito, por não dispor ainda este de meios de transporte facil, rapido e commodo, de que dispõem os exercitos europeus; não merece a confiança dos officiaes, nem das praças que delles se utilizam, por não poderem contar, com segurança, com seus bons effeitos numa emergencia qualquer. Não obstante os assiduos cuidados que tive pela boa conservação do armamento das praças, pois que como é intuitivo do estado delle dependeria, em grande parte, em uma dada circumstancia, a Victoria ou derrota de nossa força, ainda assim tive o desprazer de observar o que venham de referir. Durante o combate muitas armas ficaram tambem inutilizadas por outros motivos, umas perderam os respectivos ferrolhos que saltaram com a violencia do choque na defesa á arma branca, outras tiveram as coronhas partidas a talho de façção ou por balas; algumas ficaram com a camisa do cano inutilizada por bala, muitas seus sabres punhais, e ainda outras com os depositos arrebatados. A poeira e as escabrosidades das estradas, o calor de um sol abrasador e insupportavel, as condições em que foram feitas as marchas, sem commodidade de ordem alguma, tudo isso, frustrando os meus previdentes cuidados, deram o resultado acima apontado. Acontece ainda que essas armas que serviram na campanha de S. Paulo e Paraná, em mil oitocentos e noventa e quatro, já se achavam bastante usadas, tendo a mór parte dellas soffrido concertos. Outras fossem as condições de resistencia e solidez de seu mecanismo, e melhor teria sido o resultado obtido na luta.

FARDAMENTO - O das praças que compuzeram a força de meu commando ficou bastante estragado, em estado mesmo de não poder continuar a servir, devido à acção dos raios solares, da chuva e da poeira, e ainda do uso constante que delle fizeram, por necessidade, pois que não só marchavam, como dormiam com elle, á noite, sobre o solo nú e barrento das estradas, pela falta de barracas; e também pela necessidade de conservar-se a força sempre em armas em sitios cuja topographia nos era desconhecida, e onde não podiamos fiar em informações adrede preparadas, com o intuito de nos illudir. Muita praça tiveram ainda algumas peças de

seus uniformes, perdidos por completamente inutilizadas, como fossem tunicas de flanela cinzenta e calça de panno garance, rasgadas pelos galhos das arvores e espinhos das picadas, estrada, etc. Algumas perderam na marcha as gravatas de couro, outras tiveram no combate os gorros e os capotes crivados de balas ou cutilados a facão, em farrapos e ensanguentados. Ainda outros perderam os gôrros, levados pelas balas. O calçado incapaz de resistir a uma marcha tão longa, e por tão maus caminhos, estragou-se, ficando um grande numero de praças descalças. DICCIPLINA - Foi mantida em toda sua plenitude, sem que tivessem havido, infracção alguma digna de nota, durante todo o periodo de meu commando. "Quartel da Palma, na Bahia, 10 de dezembro de 1896 - Manuel da Silva Pires Ferreira, tenente" (Apud Aristides Milton, 1902, p.35).

Os prisioneiros :

Desvendemo-las rudemente.

Deponhamos.

O fato era vulgar. Fizera-se pormenor insignificante.

Começara sob o esporear da irritação dos primeiros reveses, terminava friamente feito praxe costumeira, minúscula, equiparada às últimas exigências da guerra. Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava o trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impeli-la por diante; atravessar entre as

barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse à presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

Exploravam esta superstição ingênua. Prometiam-lhes não raro a esmola de um tiro, à custa de revelações. Raros o faziam. Na maioria emudeciam, estóicos, inquebráveis -- defrontando a perdição eterna. Exigiam-lhes vivas à República. Ou substituíam essa irrisão dolorosa pelo chasquear franco e insultuoso de alusões cruéis, num coro hilar e bruto de facécias pungentes. E degolavam-nos, ou cosiam-nos a pontacos. Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumariíssimo e isto, em grande parte, contribuía para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.

E quando, afinal jugulados, eram conduzidos à presença dos chefes militares, iam conformados ao destino deplorável. Revestiam-se de serenidade estranha e uniforme, inexplicável entre lutadores de tão variados matizes, e tão discordes caracteres, mestiços de toda a sorte, variando, díspares, na índole e na cor.

Alguns se apumavam com altaneria incrível, no degrau inferior e último da nossa raça. Notemos alguns exemplos.

Um negro, um dos raros negros puros que ali havia, preso em fins de setembro, foi conduzido à presença do comandante da 1.^a coluna, general João da Silva Barbosa. Chegou arfando, exausto da marcha aos encontrões e do reencontro em que fora colhido. Era espigado e seco. Delatava na organização desfibrada os rigores da fome e do combate. A magreza alongava-lhe o porte, ligeiramente curvo. A grenha, demasiadamente crescida, afogava-lhe a fronte estreita e fugitiva; e o rosto, onde o prognatismo se acentuara, desaparecia na lanugem espessa da barba, feito uma máscara amarrotada e imunda. Chegou a cambaleios. O passo claudicante e infirme, a cabeça lanzuda, a cara exígua, um nariz chato sobre lábios grossos, entreabertos pelos dentes oblíquos e saltados, os olhos pequeninos, luzindo vivamente dentro das órbitas profundas, os longos braços desnudos, oscilando -- davam-lhe a aparência rebarbativa de um orago valetudinário.

Não transpôs a couceira da tenda.

Era um animal. Não valia a pena interrogá-lo.

O general de brigada João da Silva Barbosa, da rede em que convalescia de ferimento recente, fez um gesto. Um cabo de esquadra, empregado na comissão de engenharia e famoso naquelas façanhas, adivinhou-lhe o intento. Achevou-se com o braço. Diminuto na altura, entretanto, custou a enleá-lo ao pescoço do condenado. Este, porém, auxiliou-o tranqüilamente; desceu o nó embaralhado; enfiou-o pelas próprias mãos, jugulando-se. . .

Perto, um tenente do estado-maior de primeira classe e um quintanista de medicina contemplavam aquela cena.

E viram transmudar-se o infeliz, apenas dados os primeiros passos para o suplício. Daquele arcabouço denegrado e repugnante, mal soerguido nas longas pernas

murchas, despontaram, repentinamente, linhas admiráveis -- terrivelmente esculturais -- de uma plástica estupenda.

Um primor de estatuária modelado em lama.

Retificara-se de súbito a envergadura abatida do negro aprumando-se, vertical e rígida, numa bela atitude singularmente altiva. A cabeça firmou-se-lhe sobre os ombros, que se retraíram dilatando o peito, alçada num gesto desafiador de sobrançeria fidalga, e o olhar, num lampejo varonil, iluminou-lhe a fronte. Seguiu impassível e firme; mudo, a face imóvel a musculatura gasta duramente em relevo sobre os ossos, num desempenho impecável, feito uma estátua, uma velha estátua de titã, soterrada havia quatro séculos aflorando, denegrada e mutilada, naquela imensa ruinação de Canudos. Era uma inversão de papéis. Uma antinomia vergonhosa.

E estas coisas não impressionavam...

Fizera-se uma concessão ao gênero humano: não se trucidavam mulheres e crianças. Fazia mister, porém, que se não revelassem perigosas. Foi o caso de uma mamaluca quarentona, que apareceu certa vez, presa, na barraca do comandante-em-chefe. O general estava doente. Interrogou-a no seu leito de campanha -- rodeado de grande número de oficiais. O inquérito resumia-se às perguntas do costume -- acerca do número de combatentes, estado em que se achavam, recursos que possuíam, e outras, de ordinário respondidas por um "sei não!" decisivo ou um "e eu sei?" vacilante e ambíguo. A mulher, porém, desenvolta, enérgica e irritadiça, espraiou-se em considerações imprudentes. "Nada valiam tantas perguntas. Os que as faziam sabiam bem que estavam perdidos. Não eram sitiados, eram presos. Não seriam capazes de voltar, como os das outras expedições; e em breve teriam desdita maior ficariam, todos, cegos e tateando à toa por aquelas colunas. . ." E tinha a gesticulação incorreta, desabrida e livre.

Irritou. Era um virago perigoso. Não merecia o bem-querer dos triunfadores. Ao sair da barraca, um alferes e algumas praças seguraram-na.

Aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima -- foi degolada...

Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas trambolhos incômodos no acampamento, atravessando-o, como bruacas imprestáveis.

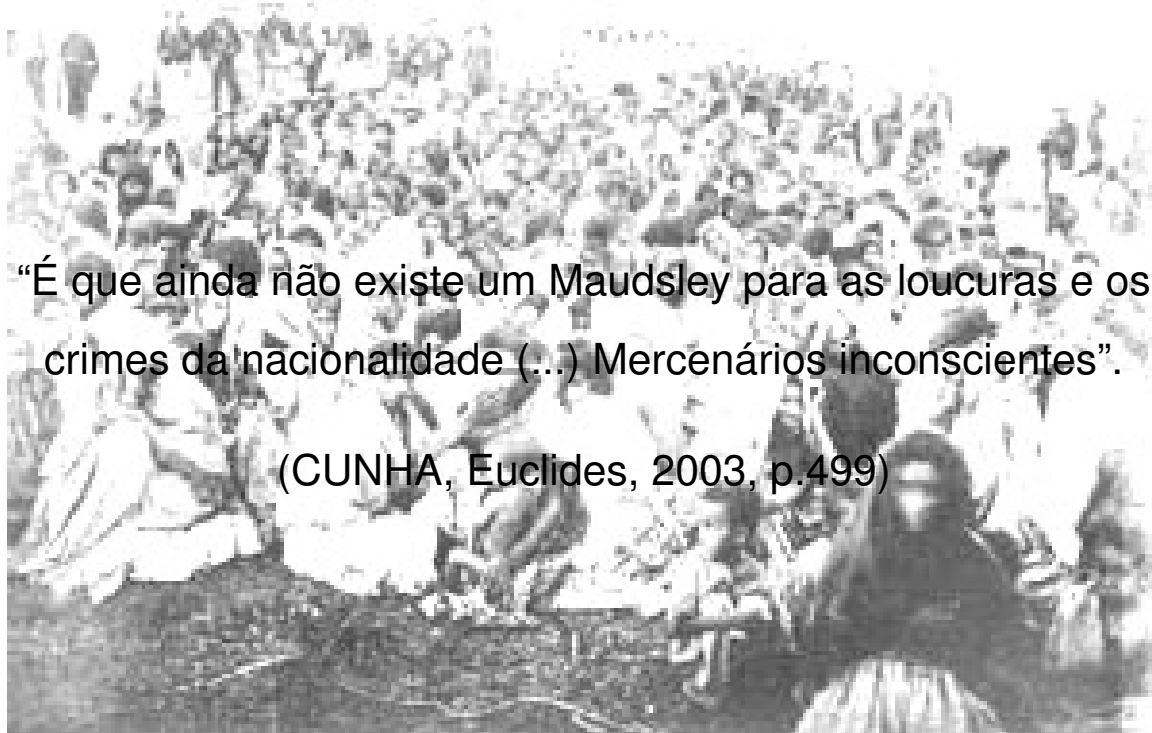
Era o caso de uma velha que se aboletara com dois netos de cerca de dez anos junto à vertente em que acampava o piquete de cavalaria. Os pequenos, tolhiços, num definhamento absoluto, não andavam mais; tinham volvido a engatinhar. Choravam desapoderadamente, de fome. E a avó, desatinada, esmolando pelas tendas os restos das marmitas, e correndo logo a acalentá-los, aconchegando-lhes dos corpos os frangalhos das camisas; e deixando-os outra vez, agitante, infatigável no desvelo, andando aqui, ali, à cata de uma blusa velha, de uma bolacha caída do bolso dos soldados, ou de um pouco de água; acurvada pelo sofrimento e pela idade, titubeando de um para outro lado, indo e vindo, cambeteante e sacudida sempre por uma tosse renitente, de tísica -- constrangia os corações mais duros. Tinha o que quer que fosse de um castigo; passava e repassava como a sombra impertinente e recalcitrante de um remorso...

A degolação era, por isto, infinitamente mais prática, dizia-se nuamente. Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava ainda, a poeira de Moreira César, queimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A repressão tinha dois pólos -- o incêndio e a faca.

Justificavam-se: o coronel Carlos Teles poupou certa vez um sertanejo prisioneiro. A ferocidade dos sicários retraíra-se diante da alma generosa de um herói...

Mas este pagara o deslize imperdoável de ser bom. O jagunço, que salvara, conseguira fugir e dera-lhe o tiro que o removera do teatro da luta. Acreditava-se nestas coisas. Inventavam-nas. Eram antecipados recursos absolutórios. Exageravam-se, calculadamente, outras: os martírios dos amigos trucidados, caídos nas tocaias traiçoeiras, ludibriados depois de cadáveres e postos como espantalhos à orla dos caminhos...A selvageria impiedosa amparava-se à piedade pelos companheiros mortos Vestia o luto chinês da púrpura e, lavada em lágrimas, lavava-se em sangue.”(CUNHA, 2003, p. 461)”.

Homenagem aos mártires de Canudos



“É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes da nacionalidade (...) Mercenários inconscientes”.

(CUNHA, Euclides, 2003, p.499)

License:

Creative Commons License for your work "O SERTANEJO REVISITADO PELA FICÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA."

You have selected the Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License. You should include a reference to this license on the web page that includes the work in question.

Here is the suggested HTML:

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">O SERTANEJO REVISITADO PELA FIC&#199;&#195;O DE EUCLIDES DA CUNHA.</span> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o-Uso N&#227;o-Comercial-Vedada a Cria&#231;&#227;o de Obras
```

Derivadas 2.5 Brasil License.

Further tips for using the supplied HTML and RDF are here:

<http://creativecommons.org/learn/technology/usingmarkup>